

O PROTAGONISMO DE MIGRANTES E REFUGIADOS(AS)
Núcleo Duro dos Estudos e Pesquisas do CSEM



2018

Sumário

APRESENTAÇÃO	1
<i>Percurso histórico</i>	2
O NÚCLEO DURO	4
PROTAGONISMO	6
SUJEITO-ATOR.....	12
AGÊNCIA/AGENCY.....	17
AUTONOMIA	22
RESILIÊNCIA	25
Referências	29
ANEXO I - Histórico de atividades do CSEM	31
Eventos organizados pelo CSEM e/ou em parceria	31
Pesquisas/Estudos.....	33
Publicações	36
SÉRIE MEMÓRIAS	36
SÉRIE CAMINHOS	36
SÉRIE MIGRAÇÕES	37
ANEXO II – CSEM atual: Planejamento estratégico para o Triênio 2016-2018 ...	39

APRESENTAÇÃO

Este documento¹ tem por objetivo apresentar o Núcleo Duro do Programa de Estudos e Pesquisas do CSEM, bem como o seu processo de construção.

Durante os anos de 2015 a 2017, a equipe do CSEM participou de uma série de encontros de reflexão metodológica² que propiciaram releituras interpretativas do percurso histórico do Centro, a reflexão e a sistematização das experiências e conhecimentos adquiridos ao longo de sua trajetória recente, especialmente dos últimos 10 anos.

O principal resultado desse processo consiste na adoção do **PROTAGONISMO DE MIGRANTES E REFUGIADOS(AS)** como Núcleo Duro dos estudos e pesquisas do CSEM. A escolha é fruto de um processo diacrônico de reflexão coletiva, que passa a ser adotada pelo Centro como princípio condutor para os seus programas a médio e longo-prazo. Sob este título estão contemplados conceitos e reflexões que dão relevo à *agency* dos sujeitos em mobilidade, sua capacidade e potencialidade de atuar, incidir e transformar os fatos e os significados, bem como de ser resilientes diante das situações desafiadoras e de exercer sua autonomia para tomar decisões para si e suas famílias, participando dos processos das sociedades nas quais passa a fazer parte a causa de fato migratório ou de busca por refúgio. Esse conjunto de conceitos e categorias traduz as escolhas metodológicas e de conteúdo feitas para os estudos e pesquisas do CSEM e as ancoram em uma abordagem de direitos humanos e de promoção e defesa da vida e da dignidade humana dos sujeitos em situação de mobilidade.

Ainda que a construção desse Núcleo Duro temático tenha sido pensada especificamente para o Programa de Estudos e Pesquisas, tornou-se uma diretriz que incide de forma transversal em todos os demais programas do CSEM, como uma forma de articulação e de integração entre os diferentes eixos temáticos e estratégicos do Centro, tais como: eventos, publicações, assessorias, entre outras atividades. Nesse sentido, o Núcleo Duro assume também, em certo modo, a função de constituir-se como princípio orientador para qualificar as tomadas de decisões e a capacidade de diálogo e incidência, em relação aos interlocutores e parcerias que o CSEM tem e poderá ter no cumprimento de sua missão, nacional e internacionalmente. O Núcleo Duro permite ao CSEM caracterizar sua própria identidade e estabelecer o seu lugar epistemológico e institucional junto aos atores com os quais dialoga.

Não se trata de assumir um programa fechado nem tornar inflexíveis os processos de planejamento e atuação do Centro, mas adotar uma definição institucional que orienta os agendamentos internos e externos que o CSEM assume e que permite interligar as diferentes atividades e programas que o centro desempenhará.

O Núcleo Duro é também uma importante ferramenta para evitar a dispersão temática e de atividades, favorecendo, assim, a otimização dos esforços e dos investimentos no que se refere aos recursos humanos e financeiros. Dessa forma, a adoção de um Núcleo Duro contribui para uma maior especificidade, favorece o rigor e a qualidade dos processos e dos resultados que o Centro se propõe alcançar, diante do grande leque de possibilidades que os estudos migratórios contemplam, além de favorecer a continuidade no tempo e no estudo de um tema de interesse, o que implica o constante esforço na busca por uma maior especialização e qualificação.

¹ Este texto foi elaborado em 2018 e é fruto de uma construção coletiva da Equipe de Estudos e Pesquisas do CSEM, composta por: Carmem Lussi, Igor Cunha, Luiza Giovanna Moura, Roberto Marinucci e Tufla Botega (coordenadora do Programa), e do assessor Pedro Russi.

² Encontros conduzidos pelo assessor externo Pedro Russi.

Percurso histórico

O histórico de atividades, os aprendizados e aspirações do CSEM ao longo dos 30 anos de existência³ forneceram elementos fundamentais para o planejamento e a formulação de estratégias de atuação, bem como representou uma base para a qualificação metodológica e institucional do Programa de Estudos e Pesquisas do CSEM.

O ensejo de se criar um Centro de estudos congregacional, que tivesse por objetivo “*conhecer melhor as situações de mobilidade humana e ser consciência do fenômeno migratório*” e que se dedicasse “*à pesquisa, análise, reflexão, documentação e divulgação de conteúdos relativos ao aspecto sociocultural e teológico-pastoral das migrações*”, marca as discussões e reflexões iniciais sobre a origem do CSEM, sendo este pensado para ser uma expressão e, sobretudo, um apoio à missão Scalabriniana.

Em resumo, os documentos de fundação do CSEM trazem como finalidade do CSEM (LUSSI, 2005)⁴:

- a) Conhecer e analisar as situações da migração e êxodo forçado, para dar uma base informativa científica aos programas de ação social e pastoral.
- b) Ser consciência do fenômeno migratório, através da pesquisa, análise, reflexão e divulgação de conteúdos sobre a matéria.
- c) Informar e sensibilizar a opinião pública sobre o fenômeno e problemática migratória.
- d) Oferecer à comunidade uma fonte bibliográfica e documental de pesquisa e informação, através de uma biblioteca especializada no campo da mobilidade humana.

Desde sua fundação, o conhecimento científico proporcionado pelo Centro de estudos manteve sempre um compromisso com o Carisma Scalabriniano. Isso significa que os o CSEM considera que aspectos teológica e sócio-pastoral e a científico-acadêmica são complementares, apostando numa abordagem interdisciplinar e de diálogo com as várias áreas e formas de saber. A adoção de uma perspectiva de defesa da vida e da dignidade dos migrantes nos estudos e publicações do CSEM também reflete esse compromisso, sendo este um viés pelo qual a identidade do CSEM é definida.

Desde o processo de criação do CSEM, algumas atividades e tarefas foram colocadas como prioridade para o cumprimento de sua missão, são elas:

- *Recolher* documentos alusivos à migração e à histórica da congregação;
- *Produzir* pesquisas científicas, sejam elas das ciências sociais, da teologia, entre outras áreas do saber, e análises sócio-pastorais, e reflexões;
- *Disponibilizar* acervo documental e bibliográfico;
- *Divulgar* conteúdos referentes à migração;
- *Sensibilizar* a sociedade civil e as autoridades constituídas sobre a questão migratória;
- *Intervir* nas instâncias de poder com vistas à formulação de políticas sociais e reconhecimento de direitos de cidadania do migrante;

³ O CSEM iniciou suas atividades em 25 de março de 1988.

⁴ Lussi, Carmem. REFLEXÃO SOBRE A MISSÃO E FISIONOMIA DO CSEM observando e tentando interpretar aspectos de seus 17 anos de história. 2005.

- *Dialogar* com outras instituições, entidades e organismos, autoridades e peritos;
- *Assessorar* eventos, seminários, instituições, cursos, formação e outros.

Essas atividades foram desenvolvidas ao longo da história do CSEM e também estão presentes no planejamento estratégico 2016-2018. Pensar tais atividades a partir da definição de um Núcleo Duro não significa deixar de fazê-las, mas ter um elemento a mais que incide na tomada de decisão, no planejamento e na execução de tais atividades – por exemplo, a escolha das temáticas, os produtos desejados, os enfoques, etc. Em outras palavras, as escolhas feitas sobre o objeto de estudo de uma pesquisa, assim como os interesses institucionais e circunstanciais que estão envolvidos no processo de tomada de decisão, devem refletir, para além das especificidades de cada atividade, alguns direcionamentos institucionais, que tem a ver com a missão do CSEM e com o Núcleo Duro de pesquisa. A partir dessa estratégia de atuação será possível avançar no sentido da qualificação das ações e dos programas da instituição, bem como no aprofundamento de questões específicas que contribuam com os debates sobre migração, tanto dentro quanto fora da congregação.

A adoção do **PROTAGONISMO DE MIGRANTES E REFUGIADOS(AS)** como Núcleo Duro possibilita ao CSEM, portanto, dar um passo a mais em direção ao objetivo institucional de *ser um centro scalabriniano de Estudos de referência internacional sobre a temática migratória*.

O NÚCLEO DURO

Considerando o histórico da atuação do CSEM – incluindo os propósitos de sua criação enquanto centro de estudos congregacional e as atividades desempenhadas ao longo de sua trajetória – e o ensejo de qualificar a interlocução do Centro com a academia, a Igreja e a sociedade, a definição do Núcleo Duro se configura como uma sistematização qualitativa, em sintonia com a missão do CSEM e de acordo com as metas estabelecidas no Plano Estratégico para o triênio 2016-2018.

Para sintetizar as reflexões institucionais, conceituais e semânticas realizadas em torno do Núcleo Duro para o programa de Estudos e Pesquisas do CSEM, os termos que melhor traduzem a compreensão, em forma abreviada, é o **PROTAGONISMO DE MIGRANTES E REFUGIADOS(AS)**. Esse título segue conceitual e estrategicamente a opção institucional que rege o CSEM, que é o Carisma da congregação das Irmãs Missionárias Scalabrinianas (MSCS) e que tem nos migrantes e refugiados, especialmente os que passam por situação de vulnerabilidade, seu foco de ação e interesse.

Trata-se de uma via de mão dupla, em que o CSEM reforça o Carisma da congregação, sendo sua expressão, e, por outro lado, se vale da atuação das Irmãs MSCS para realizar suas ações reconhecendo e empoderando a história, as trajetórias, os saberes, a voz e a subjetividade dos migrantes. Esse processo, além de qualificar a realização da missão do CSEM, busca consolidar a articulação internacional da atuação em rede da congregação na missão junto aos migrantes e aos refugiados.

Conceitos-chave para o Núcleo Duro

O PROTAGONISMO DE MIGRANTES E REFUGIADOS(AS)	Protagonismo
	Agência/Agency
	Migrante como sujeito/ator
	Autonomia
	Resiliência

Esse conjunto de conceitos e categorias traduz as escolhas metodológicas e de conteúdo para os estudos e pesquisas do CSEM de forma que o Núcleo Duro esteja ancorado na promoção e defesa da vida e da dignidade humana dos sujeitos em situação de mobilidade, destacando sua capacidade de resiliência, de resistência e de incidência em seus próprios processos e nos eventos e significados dos processos históricos dos demais atores envolvidos em nível micro e macroestrutural.

Estabelece, nesse sentido, uma diretriz institucional que reconhece a migração como um fenômeno essencialmente humano, positivo, e a diversidade como uma riqueza; e, ainda, pressupõe uma postura ética no estudo e pesquisa sobre migrações e refúgio, na qual os sujeitos em situação de mobilidade não são tratados simplesmente como objeto de pesquisa ou meros informantes. O Núcleo Duro também demarca um compromisso institucional para que os estudos e pesquisas do CSEM reflitam a migração como um fenômeno no qual os migrantes e refugiados são sujeitos **protagonistas**, atores imprescindíveis, pessoas concretas que interagem, aportam significado e participam com poder de decisão dos seus próprios processos de vida e projetos migratórios.

Nessa perspectiva, o Núcleo Duro reconhece a **capacidade de agência/agency** que os migrantes têm de fazer escolhas independentes, como sujeitos **autônomos**, - de agir ou não agir diante de determinada situação específica, de serem “agentes de

mudança”, de incidência, assim como sua criatividade. O uso desse conceito no Núcleo Duro permite ao CSEM de alinhar os processos de análise e produção de conhecimento a uma perspectiva propositiva do fenômeno migratório, reconhecendo a capacidade de agência dos indivíduos diante dos cenários mais adversos, sublinhando o deslocamento como um recurso flexível e estratégico que as pessoas acionam, ressaltando a criatividade e capacidade humana de adaptação ao usar a migração como uma forma de recriar o cotidiano e reconstruir suas vidas diante de novos desafios.

Dessa maneira, os estudos e pesquisas do CSEM, embasados por este Núcleo Duro, passam a priorizar a pessoa do migrante e do refugiado não apenas como alguém sujeito e preso a determinações externas, mas sim como um **sujeito/ator, resiliente**, com capacidade de interferência no determinante social, de adaptação e de contribuição na produção de uma sociedade da qual ele também é produto. Esse olhar permite uma abordagem mais ampla, mais sensível e atenta à complexidade que envolve o reconhecimento do sujeito migrante em interação com o ambiente, indo muitas vezes na contramão de abordagens nacionalistas e xenofóbicas, frente ao desafio de sensibilizar e promover a dignidade humana dos sujeitos migrantes em todos os aspectos.

A partir dos conceitos anteriormente apresentados, o Núcleo Duro está afinado à opção institucional por uma abordagem interdisciplinar, que dialoga com as diferentes áreas do saber - psicologia, sociologia, antropologia, teologia, entre outras – a fim de contribuir para a produção de conhecimento sobre o tema migratório desde uma perspectiva própria que focalize a pessoa em mobilidade (migrante/refugiado/outras categorias) enquanto sujeito de direitos, ator que age e que contribui ativamente para a construção de sua própria história, não simplesmente como vítima de macro processos, mas como parte ativa dos acontecimentos e eficazmente partícipe dos processos de leitura e interpretação dos significados dos eventos a ele ou a ela relacionados. Dessa forma, o CSEM, a partir de seu Núcleo Duro, busca dar relevo à dignidade das pessoas em mobilidade e a seus direitos, sua subjetividade, autonomia, capacidade, resiliência, vulnerabilidades, dificuldades, estratégias de sobrevivência, competências, autodeterminação, sonhos e medos, dores e conquistas, visões e esforços, fracassos e ganhos, enfim seu **protagonismo**.

Segue uma breve aproximação teórica dos conceitos e categorias que explicam o Núcleo Duro do CSEM. O aprofundamento do significado atribuído aos termos protagonismo, sujeito/ator, agência/*agency*, autonomia e resiliência, mais do que esclarecer o respectivo valor semântico, visa o entendimento da abrangência e dos limites dos respectivos conceitos. Sem pretensão de exaustividade, a conceituação do Núcleo Duro de pesquisas do CSEM recolhe, com esses verbetes, referências terminológicas e teóricas para uma compreensão e um uso adequado do Núcleo Duro nos textos e na prática metodológica das pesquisas do Centro.

PROTAGONISMO⁵

Significado de protagonismo das pessoas em situação de mobilidade

A etimologia da palavra protagonismo reúne duas raízes gregas. *Prótos*, que significa primeiro ou primitivo e *agon*⁶, que significa luta, disputa ou esforço. O segundo termo é raiz da palavra ‘agonismo’, que indica o empenho do atleta durante o desenvolvimento de uma disputa esportiva, mas é também a radical de ‘agonia’, que deu origem à palavra latina angústia, indicando a tensão dos desafios, de certos confrontos ou ainda a condição de quem enfrenta os sintomas de algum risco iminente, como pode ser a jornada migratória.

A primeira parte da raiz indica que o protagonismo é ação ou atitude relacionada com a atuação imprescindível de cada sujeito, não é algo que se possa receber de outros nem um processo ou efeito que acontece sem o envolvimento efetivo da pessoa ou do grupo interessado. Já o termo agonismo indica o esforço e a condição pela qual os sujeitos em situação de mobilidade se movimentam e se relacionam com contextos marcados por desafios e lutas, muitas vezes se debatendo em combates até ímpares, no percurso migratório e nas exigências e desafios que têm relação com o ato migratório, como as demandas da família de origem e o contexto do local de chegada.

A referência às labutas e aos sofrimentos que os atores da mobilidade humana enfrentam não exclui uma concepção fundamentalmente positiva do significado do termo protagonismo relacionado com a mobilidade humana, que se contrapõe à vitimização e à passividade submissa e/ou dependente, muitas vezes presente nos estudos e nos discursos sobre migrantes e refugiados. O termo protagonismo recolhe, ao mesmo tempo, o esforço na luta, que é intrínseco ao fato migratório, junto às estratégias de afirmação de subjetividade e assunção de responsabilidade que denotam a capacidade de migrantes, refugiados e demais categorias de pessoas envolvidas nos fenômenos migratórios para determinar o sucesso almejado em seus percursos e influenciar positivamente as sociedades implicadas pelos fluxos de mobilidade humana. O protagonismo dos migrantes e refugiados se contrapõe à “concepção radicalmente passiva dos migrantes... [que visa] neutralizá-los sistematicamente”⁷.

O protagonismo migratório exprime e fortalece a subjetividade e a identidade das pessoas e dos grupos em mobilidade e pode, inclusive, favorecer seu reconhecimento e fortalecimento, para os próprios atores, assim como perante interlocutores e instituições. Em situação de irregularidade migratória, é mais difícil o exercício do protagonismo, pois as situações de vulnerabilidade provocadas pelas leis, pelo contexto e pela condição em que os sujeitos vivem, podem neutralizar as potencialidades; todavia a resiliência tem a força de transformar desafios em ação exitosa do esforço dos ‘agonistas’ migrantes/refugiados. O protagonismo migratório não coincide com a simples visibilidade dos migrantes e refugiados, pois pode visar ou provocar efeitos perversos que levam à humilhação e à formação de estereótipos sobre os atores em mobilidade.

Protagonismo significa que potencialidades latentes de pessoas e grupos em situação de mobilidade se transformam em competências, saberes e forças atuantes nos contextos e nas relações nas quais interagem. “Entende-se por protagonismo ativo de

⁵ Carmem Lussi.

⁶ Merlotti Dominique. *Radici greche. Capire meglio la propria lingua*. Jesolo Lido (VE), 2010. Apud Jean Bouffartique, Anne-Marie Delrieu. *Tresorts des racines grecques* Paris : Belin, 2002.

⁷ FURRI, Filippo. “Can migrants act?”. *Presenza, organizzazione, visibilità in un orizzonte precario*. REMHU - Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., vol. 24, n. 47, p. 11-26, 2016, p. 13.

migrantes e refugiados a incidência de que são capazes, para consigo mesmos, para com suas relações mais próximas e para com o contexto sociocultural e até político onde vivem”⁸. Tal incidência pode ser em forma de peso simbólico de sua presença, suas ações e suas posturas, ou em forma de estratégias de interlocução e de atuação junto a situações ou sujeitos com os quais, a causa da migração, entram em relação oferecendo, solicitando ou desafiando o reconhecimento de sua alteridade e de suas contribuições.

O sucesso do projeto migratório não significa *tout court* protagonismo. As transformações identitárias e os riscos assumidos e superados na e por causa da migração ensinam como negociar poder e significados na jornada migratória, o que empodera os sujeitos em mobilidade na gestão do próprio projeto migratório, assim como na capacidade de incidir em percursos e decisões dos atores que entram a fazer parte de seus itinerários existenciais, profissionais ou contextuais. “A experiência migratória, em si, é uma experiência de encontro com uma realidade ‘outra’, que pode colocar em xeque o sentido da própria biografia, assim como é interpretado a partir da construção social do país de origem”⁹ e as possibilidades de protagonismo para si, por terceiros e pela sociedade dependem de muitos fatores, entre os quais o tempo da reconstrução identitária e relacional, a acolhida e as oportunidades do contexto, as políticas vigentes no país de chegada, assim como as chances de percursos coletivos de agregação e representatividade. O protagonismo representa uma possibilidade de reverter conflitos e situações de vulnerabilidade em ocasiões de crescimento através de transformações de visão, de relações de poder e força, de interpretação da memória e até de reelaboração do projeto migratório.

O exercício do protagonismo em contexto migratório exprime e requer a superação das assimetrias que enfraquecem e até distorcem o encontro entre pessoas e grupos humanos que se identificam, originariamente, com culturas e religiões diferentes. Tais assimetrias dificultam o reconhecimento de subjetividades ativas das pessoas migrantes, pois em terra estrangeira mais do que nunca, a capacidade de criar, recriar, inventar e resignificar, depende, em grande parte, do contexto. “Todo deslocamento humano abrange dinâmicas de sujeição e subjetivização. Ainda que empobrecidos e explorados, os seres humanos em fuga continuam sendo sujeitos que almejam multiplicar processos de subjetivização”¹⁰.

Processos de reconstrução identitária e de autocrítica, capacidade de revisão dos parâmetros culturais, capacidade de planejar e de tomar a iniciativa, de avaliar e de afirmar, estão entre as expressões do protagonismo em contexto migratório que ajudam a construir sociedades capazes de promover intercultural.

As sínteses identitárias elaboradas pelas pessoas em mobilidade marcam suas histórias, sua visão do mundo e seu planejamento rumo ao futuro, mas também as histórias e mentalidades dos contextos por elas influenciados, na origem e no destino de seus percursos migratórios. Emerge assim a força política dos sujeitos dos fluxos migratórios. Nesse sentido mostra-se a pertinência da afirmação de Castles que “a gestão das migrações deveria ser entendida como um processo cooperativo no qual todos os participantes têm voz, incluindo os governos e as sociedades civis dos países

⁸ LUSSEI, Carmem. Protagonismo (verbetes). In Leonardo Cavalcanti, Tânia Tonhati e Tuíla Botega (orgs.) *Dicionário sobre migrações Internacionais*.

⁹ MARINUCCI, Roberto. “Religião, alteridade e migrações: a estrangeiridade como caminho de encontro” in *REMHU* vol.15, n. 28, 2007, p. 90.

¹⁰ MARINUCCI, Roberto. *O protagonismo dos Migrantes*. REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum. vol. 24 no.47 Brasília, May./Aug. 2016. Editorial.

que enviam migrantes, as populações dos países de chegada e, sobretudo, os próprios migrantes”¹¹.

Portes¹² sugere que existe um protagonismo, sutil e transversal, intrínseco aos processos migratórios pelo simples fato que, emigrando, a pessoa realiza um ato existencial e político, o qual, por sua vez, interpela os governos de origem, que, antes da emigração, não percebem que parte da população é potencialmente emigrante. E desafia os governos de trânsito e de destino, que apesar das políticas e das leis restritivas, não conseguem estancar os fluxos migratórios. O peso internacional do ato de emigrar junto com a importância das remessas faz da população em movimento, antes invisíveis e irrelevantes no lugar de origem, pessoas que tem voz e peso em nível internacional.

A categoria do empoderamento desdobra significados, ampliando o sentido atribuído ao termo protagonismo em contexto migratório. O empoderamento tem relação com o fortalecimento dos sujeitos, a atribuição de poder na forma de apropriação ou acesso à palavra, às redes fora do contexto familiar, aos meios de comunicação, às possibilidades efetivas de estabelecer novas relações de amizade e cultivá-las, à aprendizagem do novo idioma no país de imigração, ao emprego, à documentação que o país exige, assim como aos serviços e às oportunidades que são asseguradas aos nacionais. “Empoderados, migrantes e refugiados podem ser protagonistas, fazendo uso do *know how* da própria história pessoal que se torna capital social para si mesmos e para a coletividade”¹³. Uma circularidade explica como o protagonismo empodera migrantes e como migrantes e refugiados empoderados pela atuação própria ou de terceiros, se tornam protagonistas de seus percursos, e até mesmo para projetos de outros.

O protagonismo pode também estar relacionado com estratégias ou aspectos específicos do fenômeno migratório, como o protagonismo comercial e empresarial dos migrantes ou a comunicação¹⁴. Migrantes e refugiados vêm se apropriando dos canais de comunicação e assumindo um protagonismo que se dá nos processos comunicativos.

Dependendo da concepção de cidadania que as nações adotam, as pessoas migrantes gozam de maior ou menor possibilidade de movimento, desenvolvimento, ação e influência nos contextos onde vivem. Todavia, uma concepção ‘robusta’ de cidadania, se não for concedida em base a direitos civis e democráticos, pode ser conquistado em base à identidade, ao reconhecimento e à participação. E esta presença ‘de fato’ tem um poder inegável para fomentar e representar efetivamente o protagonismo de migrantes e refugiados a médio e longo prazo.

O protagonismo dos migrantes é ainda resultado de ações educativas, políticas afirmativas, qualidade e garantia de acesso aos serviços básicos para a população migrante, formação política, fortalecimento dos processos coletivos e de organização das comunidades, promoção de estudos e processos interculturais e de comunicação

¹¹ CASTLES; Stephen. “The factors that make and unmake migration policies” in PORTES, Alejandro & DEWIND, Josh (ed). *Rethinking migration. New theoretical and empirical perspectives*. New York: Berghahn Books, 2008, p. 51.

¹² PORTES, Alejandro. “Convergencias teóricas e evidencias empíricas en el estudio del transnacionalismo de los inmigrantes” in *Migración y desarrollo*, I semestre, 2005, pp. 2-19.

¹³ LUSI, Carmem. Protagonismo. In Leonardo Cavalcanti, Tânia Tonhati e Tuíla Botega (orgs.)

Dicionário sobre migrações Internacionais.

¹⁴ Cf. BRIGNOL, Liliane Dutra. “Protagonismo Migrante na Web: Uma observação exploratória em torno do conceito de web-diaspóricas”. Trabalho apresentado no GP Cibercultura do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, 2011. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2529-1.pdf>.

para o conhecimento e a emersão das diversidades e complexidades dos contextos migratórios¹⁵.

Estudos tem tentado demonstrar, inclusive, um protagonismo das migrações para o desenvolvimento dos povos, seja dos que migram que das sociedades implicadas, especialmente as de origem: “Redes sociais de migrantes podem ajudar a construir capital social para fortalecer a resiliência social nas comunidades de origem e para promover o desenvolvimento através da transferência de conhecimento, tecnologia, remessas e outros recursos. Isso poderia aumentar a flexibilidade, a diversidade e a criatividade das comunidades para enfrentar os problemas relacionados com as mudanças climáticas e abrir novos caminhos para o desenvolvimento”¹⁶.

Implicações metodológicas e de conteúdo para as pesquisas do CSEM

O papel dos migrantes nos rumos da história da humanidade é algo que se impõe, apesar das políticas e leis restritivas e da efetiva falta de consideração à vida e aos direitos das pessoas implicadas nos fluxos migratórios. Por mais que migrantes e refugiados atravessem muitas vezes situações de vulnerabilidade, é inegável sua relevância e incidência nos contextos de chegada, que se desdobram e se dão normalmente através de microssituações, mas que podem determinar macro realidades e influenciar macroprocessos. É um ‘protagonismo simbólico’ que se dá historicamente através de diferentes estratégias pelas quais se exercita um protagonismo migratório real e efetivo.

Pode acontecer que, nas vias das migrações, pessoas e grupos assumam papéis de protagonismo, mesmo através do não protagonismo evidente ou da decisão de incidir através de estratégias pouco ou até nada visíveis. O protagonismo é a força interior que produz decisões alternativas, a coragem de assumir o caminho da invisibilidade ou da resistência, a ousadia da visibilidade ou a determinação da resiliência, os esforços da autonomia e da subjetividade, para citar somente alguns termos e enfoques que o Núcleo Duro do CSEM em torno do protagonismo dos sujeitos da mobilidade humana desvenda. E há também um protagonismo coletivo, que incide e é representado pelo protagonismo dos sujeitos em mobilidade, como no caso de projetos migratórios familiares e das agregações de migrantes e de refugiados.

O termo protagonismo carrega diversos valores semânticos no uso que se faz da palavra referida às migrações e a outros fenômenos de mobilidade humana. Apesar disso, é possível fazer recortes que permitem excluir formas e expressões que o termo inclui quando referido a outros contextos, como a arte ou a convivência informal, onde se aproxima do sentido de exibicionismo ou visibilidade.

É mister esclarecer a partir de qual contexto reconhece-se o protagonismo. O modo de entender o protagonismo determina a compreensão do termo e as implicações de fato sobre os processos e os contextos. A mídia, a religião, a academia, as redes sociais definem protagonismo influenciando o significado atribuído ao termo, a partir de seus lugares e interesses. Assim também na pesquisa, o CSEM, adotando o protagonismo como categoria de referência, influencia a abordagem e também orienta o viés e as premissas que sustentam seus estudos. A relevância da voz dos migrantes que

¹⁵ Cf. “Apoyo al protagonismo y empoderamiento de las mujeres migrantes nicaragüenses en Costa Rica y sus familias en Nicaragua (Costa Rica y Nicaragua)”. Disponível em <http://habitat.aq.upm.es/dubai/12/bp4466.html>.

¹⁶ Cf. SCHEFFRAN, Jürgen; MARMER, Elina e SOW, Papa. “Migration as a contribution to resilience and innovation in climate adaptation: Social networks and co-development in Northwest Africa” Applied Geography, n. 30, 2011, pp. 1-9 - doi:10.1016/j.apgeog.2011.10.002.

participam das pesquisas e o cuidado para não coisificar os migrantes e refugiados que colaboram nos estudos e na coleta de dados são determinados por uma concepção forte do termo protagonismo, adotado como referencial para o conteúdo e para a metodologia do CSEM nos procedimentos e na produção de resultados de pesquisas em contextos de mobilidade humana. Tal compreensão reconhece que as pessoas e os grupos humanos que compõem os projetos, os fluxos e os fenômenos da mobilidade humana são os principais atores a determinar prioridades e significados a serem atribuídos ou reconhecidos aos fatos e aos processos, aos problemas e às metas a serem perseguidas.

A incidência do conceito para os procedimentos a serem seguidos e os significados dos dados coletados ou produzidos junto a migrantes e refugiados e suas respectivas interpretações é determinante, como condição de viabilidade e ética de procedimento teórico e metodológico das pesquisas do CSEM. O dinamismo e a convergência de múltiplos fatores e variáveis que compõem a complexidade dos fenômenos migratórios demandam uma capacidade de escuta e de profundidade nos estudos que é imprescindível a fim de que a dinamicidade e a complexidade dos fenômenos humanos, socioculturais e políticos que acontecem historicamente nas vias da mobilidade humana integrem e sejam espelhados nos estudos e pesquisas do Centro.

As vulnerabilidades relacionadas com os processos migratórios não se contrapõem ao conceito de protagonismo, pois quem passa por dificuldades não perde sua capacidade de incidir nas realidades em que vive e nem renuncia à sua capacidade de afirmar a si mesmo nos projetos e nos desafios de sua própria história. A categoria de protagonismo ajuda a pensar a incidência que as pessoas podem ter nas realidades em que vivem, pessoais ou sociais, próprio a partir de suas trajetórias, incluindo suas dificuldades e fracassos. O diferencial das pesquisas que adotam a perspectiva do protagonismo dos atores primordiais da mobilidade humana é a capacidade de aprofundar em quais termos e a quais condições o esforço dos migrantes (*agon*) é e pode ser uma ação primeira (*proto*) ou projetos e processos que determinam, incidem e contribuem com histórias, recursos, saberes e meios para si e para as sociedades e as comunidades que passam a integrar através de seus percursos migratórios.

Existe uma alteridade que pode 'desclassificar' uma pessoa como parte de algo, de um processo, de um evento ou até de uma sociedade, por ser diferente e não poder se homologar ao padrão prevalente. A ausência de interculturalidade dessa perspectiva exclui migrantes e refugiados do acesso e da participação a meios, projetos e contextos onde a mobilidade humana os conduz. O Núcleo Duro do CSEM adota a visão de que a alteridade é um ingrediente imprescindível e uma perspectiva promissora próprio pela especificidade de que migrantes e refugiados são portadores, o que ajuda a transformar e/ou fortalecer o todo, por contribuir com uma parte singular que é intrínseca de quem entra como um 'outro' nos processos existenciais e históricos, colaborando a partir de sua singularidade, que os processos migratórios ajudam a identificar, explorar, sistematizar e partilhar.

O protagonismo migratório faz referência ainda à possibilidade/capacidade dos migrantes e refugiados de afirmar sua identidade e contribuição diante da indiferença e/ou do desprezo pela sua presença e participação em um determinado contexto. Esta linha de compreensão do significado e das implicações do reconhecimento do protagonismo tem a ver com o risco de ambiguidade da função de atores estratégicos, como militantes em direitos humanos, agentes pastorais, profissionais que atuam no social ou pesquisadores. Como favorecer protagonismo de alguém 'externo' que vem chegando para uma nova realidade, sem tornar os sujeitos que migram de algum modo objetos de um 'plano' e - portanto - sem enfraquecê-los e sem manipular estratégias com finalidades de afirmação de quem favorece ao invés dos favorecidos? Nesse sentido,

favorecer protagonismo pode ser um papel de mediação, que sabe identificar fragilidades, as quais, uma vez reconhecidas, podem ser assumidas pelos próprios sujeitos que as carregam e tornarem-se ocasião de protagonismo transformante. Um protagonismo que se torna proatividade na reinvenção de si e na adoção de estratégias promissoras.

Existe um protagonismo que vem de dentro dos sujeitos, que é seu esforço pessoal de resistir, atribuir significado, mas também de saber ver e interpretar o que vive; que a pesquisa precisa saber escutar, interagir, reconhecer, registrar e fazer interlocução para saber valorizar a experiência individual enriquecedora de cada sujeito, para valorizar, fortalecer e transformar caminhos e possibilidades para muitos, outros migrantes e outros sujeitos que pensam, interpretam e atuam.

E existe, entre outros, um protagonismo que é atribuição de significado, que nem sempre é fala, e que pode ser fala privada... e o CSEM pode/deve saber fazer ecoar para que seja portadora de frutos para quem ofereceu sentido e conteúdo e que tem o direito de ficar com os direitos de tais saberes e o reconhecimento de sua contribuição.

Estudar as migrações na perspectiva do protagonismo dos migrantes comporta a capacidade de ser parte de um processo dinâmico, através de uma interação flexível e aberta, no conteúdo, na metodologia e também na abordagem, que é, portanto, humilde, porque se deixa configurar na interatividade através da interlocução com os participantes e sabe fazer/reconhecer espaço e poder ao outro, especialmente ao migrante e ao refugiado.

O protagonismo é tal em relação a algo, contextualizado, e é também estratégia em si mesma. Nem sempre é ação externa, mas pode ser ação na forma de posicionamento mental, de processo estratégico, potencialidade, atuação da liberdade e da escolha. E é também o processo pelo qual uma potencialidade se desenvolve e a subjetividade se fortalece no desencadear dos processos intrínsecos aos fenômenos migratórios.

É possível potencializar o protagonismo dos migrantes? O dar crédito preserva os atores em situação de mobilidade da vitimização e também da sobreposição surda de atuações arrogantes que não enxergam as vulnerabilidades e nem reconhecem o protagonismo dos migrantes e refugiados. O protagonismo ancorado semanticamente na etimologia e na visão antropológica cristã, que é adotada pelo CSEM, comporta o diálogo como meio e espaço de concretizar a potencialidade do Núcleo Duro adotado pelo CSEM. O protagonismo dos migrantes e dos refugiados não é algo que se possa ou não legitimar, mas o não reconhecimento do protagonismo comporta uma ação positiva de negação, desprezo e até repressão de uma proatividade de fato que faz de um ser potencialmente sedentário em longínquas terras de origem, um sujeito presente e potencialmente ativo em contextos locais ou nacionais de passagem ou de chegada.

O Núcleo Duro do CSEM sublinha a relevância das pessoas concretas que compõem os fluxos e integram o fato migratório como sujeitos protagonistas, atores imprescindíveis dos fatos e nos estudos que os implicam. Estudos e pesquisas do CSEM assumem como premissa *sine qua non* que se trata de ações que se constituem através de relações com gente, pessoas concretas que interagem, aportam significado e participam com poder de decisão dos processos de vida, migração, estudos ou trabalho que se referem a elas.

SUJEITO-ATOR¹⁷

O conceito de individualização da sociedade tem levado autores a refletir sobre o ser humano não apenas como sujeito e preso a determinações externas, mas sim como um ser com capacidade de interferência no determinante social e de contribuir na produção de uma sociedade da qual ele também é produto¹⁸.

Para referenciar indivíduos, são empregados em geral os termos “agente”, “ator”, “sujeito” e “autor”, entre outros. Tais termos são importantes na construção das teorias relativas à migração, pois envolve diferentes configurações que contribuem para o processo migratório, tanto podendo ser capazes de se configurarem como obstáculos, quanto para serem de fato os próprios indivíduos que migram.

De forma ampla a relação entre migração e Direitos Humanos

Para discorrer sobre atores e sujeitos sociais, é necessário pensar antes no indivíduo e em suas construções: “O ser humano é um processo, intimamente definido pela sociedade de sua época. Ele não é o centro do universo, mas o artesão do sistema complexo que é o produto”¹⁹. Considerando que a complexidade do sistema inclui conflitos, desigualdades e repressões, é normal entender que alternativas poderão ser utilizadas como ferramentas de superação pelos próprios “artesãos”, como os chama Kaufmann²⁰.

Gaulejac reflete sobre como Claude Dubar utiliza-se de interpretações políticas ao se referir à autonomia individual – desde um ponto de vista político, a história familiar e situação de classe interferem na reprodução de desigualdades sociais²¹, o que nos faz inferir que decisões de superação ao sistema estão relacionadas com condições socioeconômicas, familiares e políticas.

Dubar, com sua orientação sociológica, relaciona o ator à autonomia e ao desenvolvimento de estratégias, não se distanciando do coletivo e do contexto²². Baseando-se em Bourdieu, Chamboredon e Passeron, cita que a criatividade, a inventividade e a iniciativa estratégica são elementos base da subjetividade do ator, características essas que não são compreendidas isoladamente, mas sim partilhadas dentro de um sistema social.

Avançando em sua reflexão, Claude aponta a “figura do sujeito reflexivo” de Alain Touraine, que se distancia do “agente ativo” e do “ator estratégico” para identificar um “sujeito existencial”, consciente de si e da sociedade. Assim, as características muitas vezes descritas sob a ótica do pesquisador não delimitam o sujeito, onde este por sua vez

se confronta com uma oportunidade de contar sobre si mesmo naquele espaço de tempo, de unir momentos diferentes de sua vida, de justificar bifurcações ou continuidades, de ordenar o fluxo de sua existência, em resumo, de inventar-se uma identidade narrativa²³.

Dessa forma, estabelecem-se novas realidades oriundas da “pluralidade de papéis e de lógicas de ação” frente às incertezas e tendo o sujeito como um ator social

¹⁷ Igor Cunha e Luiza Giovanna Moura.

¹⁸ GAULEJAC, Vincent de. O âmago da discussão: da sociologia do indivíduo à sociologia do sujeito.

¹⁹ KAUFMANN, J. C., 2001. *apud* GAULEJAC, Vincent de. *Op. cit.*

²⁰ *Ibidem.*

²¹ GAULEJAC, Vincent de. *Op. cit.*

²² DUBAR, Claude. *Op. cit.*

²³ *Ibidem*, p. 64.

que busca por afirmação da sua identidade pessoal e também coletiva dentro das relações de poder. Isto é, o indivíduo se torna ator dentro de um contexto institucional, exercendo um papel na sociedade a partir de um cenário mais amplo.

Complementar a isso, com um enfoque inicial voltado para a existência, Eduardo Marandola e Priscila Marchiori reforçam que por meio da dimensão espacial e sociocultural a vida dos migrantes é permeada de inseguranças provenientes também das experiências cotidianas características da Modernidade líquida, conceituada por Bauman²⁴. A partir disso, para eles, a trajetória de migração seria capaz de redefinir percepções não só sobre a identidade territorial como também existencial dos migrantes.

No cenário dinâmico da migração, as potencialidades do sujeito e as oportunidades advindas configuram-se como meio impulsionador no processo de construção da identidade. E, nesse sentido, Vincent de Gaulejac enfatiza a “multiplicidade de pertencas” definidas por cada um dentro de sua vivência e que sofrem transformações ao longo do tempo²⁵. Com isso, as situações vividas e presenciadas pelos migrantes são capazes de modificar as percepções diante de si e de todo o seu contexto.

Do Latim *subjectus*, a palavra "sujeito" significa “pessoa ou assunto sobre a qual se atua” e, compreender o que é o sujeito e que ele “se constitui nas relações com os outros e consigo mesmo”, nos leva às reflexões que Neiva Furlin destaca sob as óticas de Michel Foucault e Alain Touraine²⁶. Para Foucault o Sujeito está relacionado ao indivíduo com uma identidade que ele reconhece como sua, sendo permeado pelas “relações de poder e saber”. A partir disso, deriva em “atos de liberdade e resistência política”, que para Foucault é característico da “relação de si para consigo”.

Dessa forma, assim como existe um espaço de liberdade para se encontrar como sujeito, em contrapartida, há “mecanismos estabilizadores e fortalecedores”. Esses mecanismos, ao adquirirem diferentes significados, provocam consequências no contexto social.

Tendo em vista a realidade da mobilidade humana, ações de acolhida, mobilizações sociais, mercado de trabalho favorável e políticas migratórias igualitárias podem influir na vida dos indivíduos, assegurando-lhes dignidade. Por outro lado, a xenofobia e a discriminação são atos que podem influenciar na força de ação dos migrantes, levando em consideração a vulnerabilidade em que se encontram.

Na concepção de Alain Touraine²⁷, um dos grandes críticos da modernidade, a análise social não pode mais ter como principal objetivo a sociedade (instituições), mas os atores, neste caso humanos, os quais são mais do que sociais, pois não são definidos somente pelas suas pertencas e relações sociais, mas também pelos direitos culturais.

Touraine considera o conceito de sujeito humano como a construção do indivíduo como ator, pois concebe a existência do sujeito enquanto contestação, ou seja, um indivíduo que se rebela contra as condições sociais que lhes são impostas. Já que não se pode separar o indivíduo do seu contexto social, a tendência que ele aponta é a de não mais sujeição e predestinação, mas de um sujeito que se cria por si mesmo, um sujeito que se constrói na historicidade, ou seja, que se torna contestatório²⁸.

²⁴ MARANDOLA, Eduardo. DAL GALLO, Priscila Marchiori. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração.

²⁵ GAULEJAC, Vincent de. *Op. cit.*

²⁶ FURLIN, Neiva. É possível uma sociologia do sujeito? Uma abordagem sobre as teorias de Foucault e Touraine.

²⁷ FURLIN, Neiva. *Op. cit.*

²⁸ FURLIN, Neiva. *Op. cit.*

Para o autor, os movimentos sociais surgem como uma forma de oposição às diferentes formas de controle social²⁹. Entender as recentes migrações forçadas ou voluntárias como uma mobilização coletiva que visa a mudança e a quebra de controle social e político vai de encontro com o trabalho que se baseia na “sociologia da ação”³⁰, sobre as transformações sociais da sociedade moderna e industrial.

O ator individual ou coletivo volta para si mesmo como forma de se fortalecer diante da opressão e exclusão, e, por isso, “não mais é orientado pelos valores, pelas normas e pelos interesses da sociedade, mas por uma relação consigo mesmo”³¹, podendo ser reconhecido no indivíduo e na coletividade. Assim, as diversas condições enfrentadas pelos sujeitos migrantes, podem eleger uma posição de protagonismo em relação a si mesmo e às suas ações e, quando este reivindica seus direitos, abre espaço para sua individualidade como sujeito, nos direcionando a ideia do migrante enquanto ator, com suas aspirações, prioridades e direitos.

A individualização do ser propaga ideais de transformação e superação que dependem de forma direta de decisões dos atores, como os chama Touraine, ou dos artesãos, como os chama Kaufmann.

Para além disso, temos também o “não sujeito” que Touraine interpreta como um indivíduo que não identifica o sujeito no outro, refletindo em “dominações” e “guerra”. Ao não reconhecer a capacidade de sujeito, ele se torna um objeto nas relações sociais, manipulado por um sistema e, ao mesmo tempo, negando os próprios direitos.

As novas dinâmicas dos movimentos migratórios sugerem uma mudança, ou um desafio para os movimentos sociais. A “identidade diaspórica”³² das pessoas migrantes, que possuem “dois ou mais mundos”, “com múltiplas referências”, reconfigura a ação destes sujeitos que contestam a ordem política de fronteiras imposta à humanidade. Os atores coletivos passam a se apropriar de valores culturais, e não mais apenas políticos e sociais³³.

O direito de ser ao mesmo tempo igual e diferente, uma condição dicotômica da sociedade contemporânea, para Touraine³⁴, é emergente nos novos movimentos sociais com forte ênfase na identidade cultural.

A noção do sujeito não apenas como coletivo, mas como sujeito individualizado, voltado a si mesmo, remete à noção ocidental dos direitos humanos, cultuando a liberdade de ação dos indivíduos. Para o autor em questão, “o sujeito é, então, a construção do indivíduo como ator”³⁵ em uma tendência do sujeito que se constrói, que luta, contestando o ambiente social. As vítimas, em certo momento, podem deixar de ser apenas vítimas; podem tomar consciência de sua situação, protestar e falar³⁶. Rejeitam a submissão, atribuem a si mesmos uma subjetividade e afirmam-se como seres de direitos, capazes de rechaçar a injustiça, a desigualdade e a humilhação³⁷.

Na teoria foucaultiana, o Estado moderno ao mesmo tempo em que dá espaço para a liberdade dos indivíduos para que estes se pensem como sujeitos livres, donos do seu destino, senhores dos seus atos, a sociedade age com mecanismos estabilizadores e

²⁹ *Ibidem*.

³⁰ *Ibidem*.

³¹ *Ibidem*, p. 289.

³² HALL, S. 2003 *apud* BRINGEL, Breno. Ativismo transnacional, o estudo dos movimentos sociais e as novas geografias pós-coloniais.

³³ FURLIN, Neiva. *Op. cit.*

³⁴ *Idem*.

³⁵ *Idem*.

³⁶ FURLIN, Neiva. *Op. cit.*

³⁷ *Ibidem*, p. 101

fortalecedores da trama social que não esmagam, mas produzem indivíduos sujeitos e sujeitados, por meio das práticas disciplinares que articulam poder e saber³⁸.

Um indivíduo pode conduzir a sua própria vida assumindo diferentes direções no ato de construir-se como sujeito moral de uma ação: “A maneira pela qual um indivíduo faz de si mesmo a matéria principal de sua conduta moral, da mesma maneira, ela implica necessariamente um modo de sujeição, isto é, a maneira pela qual um indivíduo se relaciona com uma regra ou com um sistema de regras e experimenta a obrigação de colocá-las em ação”³⁹.

Segundo Foucault, o cuidado de si, o conhecer e o construir-se como sujeito ético/moral constituem uma prática antiga, que tem origem na tradição grega e cristã. Na tradição grega, o cuidado de si não aparece como uma prática isolada; ela sempre teve uma relação com o social, com o outro. Os cuidados de si que envolvia os cuidados com o corpo, com regimes de saúde, com meditações, não se constituíam em um exercício de solidão, mas de uma verdadeira prática social. Existiam práticas comuns nos cuidados que as pessoas tinham consigo como o fato de receber ajuda do outro, ou cuidar do outro. O cuidado de si, ou o cuidado que se tem com o cuidado que os outros devem ter consigo mesmo, aparece então como uma intensificação das relações sociais.⁴⁰

Foucault reflete sobre a *subjetivação dos sujeitos* dentro de um grande processo de *objetivação* da verdade ou veridicções: “a história crítica do pensamento não é uma história das aquisições nem das ocultações da verdade; é a história da emergência dos jogos de verdade: é a história das veridicções, entendidas como formas pelas quais se articulam, sobre um campo de coisas, discursos capazes de serem ditos como verdadeiros ou falsos”⁴¹.

Touraine diante das análises de Foucault se interroga como dar passos construtivos na vida social, para a constituição das subjetividades na liberdade⁴². Aproxima estreitamente a constituição da subjetividade da construção da democracia, considerada como luta dos sujeitos:

A idéia de democracia, para Touraine, não se materializa unicamente no conjunto de garantias institucionais e formais, mas sim representa a luta dos sujeitos, na sua cultura e sua liberdade, contra a lógica dominadora dos sistemas sociais. Nessa concepção, resulta importante que os sujeitos protejam sua memória e que possam combinar o pensamento racional, a liberdade pessoal e a identidade cultural. Dessa maneira, a democracia deve tratar de seguir dois caminhos: por um lado, criar espaços para a participação cada vez mais perceptíveis e, por outro lado, garantir o respeito às diferenças individuais e ao pluralismo⁴³.

Estudar as diversas abordagens desse conceito nos leva a refletir sobre a influência da pesquisa para os envolvidos nas múltiplas situações enfrentadas, tornando-nos mais sensíveis e atentos à complexidade que envolve todo esse aspecto de reconhecimento do sujeito migrante em interação com o ambiente, pois “a relação ser-

³⁸ *Ibidem*.

³⁹ REVEL, 2005, p. 45 *apud* FURLIN, Neiva. *Op. cit.*

⁴⁰ FOUCAULT, 2007, p. 58 *apud* FURLIN, Neiva. *Op. cit.*

⁴¹ M. FOUCAULT, El sujeto y el poder. *apud* DOS ANJOS, Fabri Márcio. *Op. Cit.*

⁴² A. TOURAINE, *Crítica da Modernidade*. *apud* DOS ANJOS, Fabri Márcio. Sujeitos da missão, ou sujeitos na missão? Conceitos que fazem diferença.

⁴³ C. A. GADEA – SCHERER-WARREN, I., A contribuição de Alain Touraine para o debate sobre sujeito e democracia latino-americanos. *apud* DOS ANJOS, Fabri Márcio. *Op. cit.*

lugar pressupõe uma construção mútua e simultânea de ambos: o sujeito constrói o lugar e ao mesmo tempo é construído por esse”⁴⁴.

Dentro dessa ótica, o CSEM enquanto centro de estudos busca ampliar os estudos em migração frente ao desafio de sensibilizar e promover a dignidade humana dos sujeitos migrantes em todos os aspectos, reconhecendo nas pesquisas e estudos a ação dos migrantes enquanto protagonistas em sua história e vida.

⁴⁴ CASEY, 2001 *apud* MARANDOLA, DAL GALLO, 2010, p. 411.

AGÊNCIA/AGENCY⁴⁵

A compreensão do conceito de agência/*agency* perpassa, necessariamente, pelo tradicional debate sociológico sobre agência e estrutura, no qual a primeira diz respeito a uma vertente que compreende a sociedade como um produto contínuo e modificável das práticas dos agentes sociais, os quais possuem um grande poder na estruturação de seus ambientes; e a última, inversamente, dirige seu enfoque para as forças coercitivas impostas pela macroestrutura social à conduta dos atores individuais⁴⁶.

Diferentes autores se debruçaram em propor teorias sociais que ressaltassem a conexão entre agência e estrutura, de forma a superar essa visão dicotômica. É importante a contribuição de Anthony Giddens, que, a partir da teoria da estruturação, argumenta que nem o sujeito (agente humano) nem o objeto (a sociedade ou as instituições sociais) deveriam ser considerados como tendo primazia, uma vez que ambos seriam constituídos em e através de práticas sociais. Essa visão dinâmica e processual, fundada sobre a ideia de que quaisquer modalidades de organização societária só existem historicamente se reproduzidas através das atividades cotidianas de atores individuais, ao mesmo tempo em que estas são tanto coagidas como habilitadas pelas estruturas que dão forma àquela organização, revela uma concepção da relação entre a ação individual e a estrutura social não em termos de um dualismo, mas como elementos complementares de uma dualidade. Em suma, as estruturas sociais seriam tanto constituídas pela agência humana, como, ao mesmo tempo, o próprio meio dessa constituição⁴⁷.

Dito isso, agência/*agency* pode ser definida como a capacidade que as pessoas têm de fazer escolhas independentes - de agir ou não agir diante de determinada situação específica - e, conseqüentemente, refere-se à possibilidade de alterar a estrutura social⁴⁸. O conceito é geralmente utilizado para dar conta do grau de liberdade dos indivíduos face aos constrangimentos sociais, reforçando a ideia de que, ainda em um cenário de ações limitadas pelos condicionantes do contexto social, as pessoas têm sempre algum nível de liberdade de ação, uma margem de manobra⁴⁹. Em outras palavras, agência/*agency* é um atributo de todos os membros de uma sociedade, que se refere à capacidade dos atores sociais de refletirem em suas posições, elaborar estratégias e agir para alcançar seus objetivos e desejos. Todos esses elementos fazem referência à capacidade do indivíduo de ser “agente de mudança”, o que vai além do âmbito individual e envolve também aquilo que uma pessoa pode realizar como membro de um grupo, coletividade ou comunidade política⁵⁰.

Essa compreensão que ressalta a interação entre agência e estrutura nos habilita a falar que, tanto a criatividade quanto a passividade nas condutas humanas são feitas sempre por referência às estruturas sociais, o que significa pensar as estruturas sociais não como entidades que se opõem à capacidade agencial dos atores, mas como elementos que também capacitam e criam condições de possibilidade para o exercício dos poderes causais das pessoas, o que Giddens nomeou de reflexividade⁵¹.

⁴⁵ Tuíla Botega.

⁴⁶ PETERS, Gabriel. Agência, estrutura e práxis: uma leitura dialógica da teoria da estruturação de Anthony Giddens.

⁴⁷ GIDDENS, 1982 apud PETERS, 2011.

⁴⁸ De Haas, Hein. Mobility and Human Development.

⁴⁹ BAKEWELL, Oliver. Some reflections on structure and *agency* in migration theory. p. 1965.

⁵⁰ LACOMBA, Joan; BONI, Alejandra. Desenvolvimento (verbete). In: CAVALCANTI, L. Et al. (orgs.) Dicionário crítico de migrações internacionais. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017;

⁵¹ PETERS, Gabriel. Agência, estrutura e práxis: uma leitura dialógica da teoria da estruturação de Anthony Giddens.

Feita essa breve contextualização sobre o cenário sociológico no qual se insere a discussão sobre agência e estrutura, nos interessa aqui ressaltar o caráter conectivo do conceito de agência, isto é, seu potencial em conciliar as duas dimensões – estrutura e agência –, uma vez que esse ponto de vista nos habilita afirmar que a agência seria a abertura da estrutura para a mudança social⁵². Isso porque a noção de agência/*agency* atribui ao ator individual a capacidade de processar a experiência social e de delinear formas para enfrentar a vida, mesmo sob as mais extremas formas de coerção. Dentro dos limites da informação, da incerteza e de outras restrições (físicas, normativas ou político-econômicas) existentes, os atores sociais são “detentores de conhecimento” e “capazes”. Eles procuram resolver problemas, aprender como intervir no fluxo de eventos sociais ao seu entorno e monitorar continuamente suas próprias ações, observando como os outros reagem ao seu comportamento e percebendo as várias circunstâncias inesperadas.

Sublinhar esse caráter complementar entre agência e estrutura bem como as características que dizem respeito à capacidade que os indivíduos têm de incidência, protagonismo, emancipação, capacidade de mudança social, criatividade, etc. é particularmente importante para a compreensão do sentido que estamos construindo na proposição do Núcleo Duro do CSEM e as implicações do uso deste conceito nos estudos migratórios, como veremos a seguir.

O conceito de agência/*agency* no âmbito das migrações

Para Douglas Massey, o esforço de teorizar as migrações deve reunir os seguintes elementos: 1) as forças estruturais que promovem a migração nos locais de origem; 2) os fatores estruturais que possibilitam a imigração nos locais de destino; 3) as motivações, objetivos e aspirações das pessoas migrantes; e 4) as estruturas sociais e econômicas que se formam para conectar as áreas de origem e de destino. Tais elementos ressaltam a influência dos constrangimentos estruturais sob as decisões individuais, bem como apresentam a importância de se considerar, paralelamente, a agência dos indivíduos e famílias na migração⁵³.

Andres Pedreño, ao fazer uma profunda revisão bibliográfica para definir o conceito de agência (capacidade de) nos fornece uma base teórica importante no sentido de compreender como agência e estrutura se conectam e fornecem uma base mais ampla para o estudo sobre a migração, em sua dinâmica e complexidade. Destacamos quatro aspectos⁵⁴ que nos ajudam na reflexão aqui proposta de construção do Núcleo Duro:

Primeiramente, a conexão entre estrutura, agência e ação, com destaque para a *dimensão criativa* dos agentes sociais – ao retomar a reflexão de Edwar Said, que argumenta que ainda que a migração seja um processo configurado estruturalmente, considerando a influência de guerras, do colonialismo e os deslocamentos em função da miséria, por exemplo, com o passar do tempo, esse processo introduz dinâmicas sociais nas metrópoles mundiais, que vão passando por transformações nos bairros, nas profissões, na produção cultural, etc. Tais dinâmicas das agências estão condicionadas pela ação dos atores envolvidos, os migrantes e refugiados, que *criam* (grifos nossos) novos ambientes para se estabelecerem no novo local.

⁵² PEDREÑO, Andrés. Agência (capacidade de) (verbetes). In: CAVALCANTI, L. Et al. (orgs.) Dicionário crítico de migrações internacionais. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

⁵³ Massey et al 1998 apud BAKEWELL 2010.

⁵⁴ PEDREÑO, Andrés. Agência (capacidade de) (verbetes). In: CAVALCANTI, L. Et al. (orgs.) Dicionário crítico de migrações internacionais. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

Em segundo lugar, a *natureza ambivalente* do fenômeno migratório, em referência à teoria de Sandro Mezzadra sobre a práxis dos migrantes, que versa sobre como o migrante é coagido pelas restrições exercidas pela estrutura econômica, social, política de seu país de origem e concede ênfase à subjetividade ou capacidade de agência das “pessoas em fuga”. Para este autor, considerar a subjetividade dos migrantes não equivaleria a excluir as causas objetivas da migração e nem esquecer que a condição de migrante é profundamente caracterizada por circunstâncias de privação material e simbólica, por processos de dominação e exploração, além de dinâmicas específicas de exclusão e estigmatização.

O terceiro ponto faz referência a uma *visão crítica sobre a premissa de que os migrantes são agentes de transformação social*, uma discussão bastante cara ao campo de estudos sobre migração e desenvolvimento e que também se torna relevante consideramos a agência/*agency* nos estudos migratórios. Por um lado, os migrantes são considerados atores com agência, ou seja, com capacidade de gerar práticas e acontecimentos que propiciem mudanças, de maior ou menor escala, a partir das remessas, por exemplo, porém, muitas pesquisas acabam subjugando as limitações e constrangimentos que o próprio contexto (na condição de estrutura histórica de posições socialmente diferenciadas com possibilidades desiguais de acesso a recursos) condiciona⁵⁵. Nesse sentido, em vez de apenas focar o uso produtivo de remessas e seu potencial de gerar processos de desenvolvimento, seria melhor levar em consideração os projetos estratégicos e as dinâmicas estruturais que se desdobram em diferentes planos e níveis e o jogo de interesse que nutre a participação de atores de baixo e de cima para compreender o papel desempenhado por eles. Esta ideia que nega os migrantes como agentes de transformação não se pretende ser pessimista, mas seria um ponto de partida para elucidar a possível articulação dos migrantes organizados com setores sociais comprometidos com a promoção de uma agência de transformação nos planos mundial, nacional, regional e local⁵⁶.

Por fim, está a dimensão da *luta política*, a partir da perspectiva de Saskia Sassen sobre a agência/*agency* que os trabalhadores migrantes colocam em prática nas cidades globais em que chegam na busca de opções de trabalho e de vida, com destaque para a “presença” que os migrantes assumem em suas relações com o poder e com outras instâncias e a agência daqueles que, em condições de extrema vulnerabilidade, decidem ficar no local de migração, segundo uma agência de “resistência”, e não retornar ao seu país de origem. Esse “estar presente” possibilita uma nova forma de fazer política, vinculada à posição “global” de lutas por habitação e por serviços básicos, contra despejos, reivindicação por direitos dos “sem papéis”, etc⁵⁷.

Para além desses quatro aspectos que acabamos de citar - *dimensão criativa* dos agentes sociais; *natureza ambivalente* do fenômeno migratório; *visão crítica sobre a premissa de que os migrantes são agentes de transformação social*; e *a da luta política* - o uso do conceito de agência/*agency* nos estudos sobre migração diz muito sobre a perspectiva sob a qual se entende este fenômeno.

Segundo Paulo Inglês, é possível assumir uma visão sobre o migrante ou refugiado como uma emergência ou catástrofe, o que significa, na prática, uma compreensão enquanto um problema social, econômico e político (às vezes psicológico ou de saúde pública) que precisa ser controlado e solucionado; ou, por outro lado, pode-se compreender os movimentos migratórios como uma forma criativa de indivíduos lidarem com situações adversas ou se adaptarem a mudanças súbitas em seu contexto. A

⁵⁵ DE HAAS, Hein. Mobility and Human Development.

⁵⁶ Delgado; Marquez, 2007, p. 22 apud PEDREÑO, 2017, p. 61.

⁵⁷ SASSEN, 2003 apud PEDREÑO, 2017.

primeira perspectiva insiste nos cenários de sofrimento ou vulnerabilidade em que os migrantes e refugiados se encontram, assumindo assim a condição de "vítimas" e de "passividade" diante dessas circunstâncias estruturais, por assim dizer. Já a segunda consiste uma alternativa que compreende que a migração é uma forma de indivíduos ou grupos reafirmarem a sua dignidade ou lidarem com situações políticas e econômicas adversas, isto é, percebe a migração como um recurso de que um indivíduo ou um grupo de pessoas dispõe para lidar com circunstâncias desfavoráveis, pressupondo, mesmo no pior dos cenários, espaço para uma decisão⁵⁸.

De maneira simplificada, esta última perspectiva dá destaque para a capacidade de agência dos indivíduos diante dos cenários mais adversos, sublinhando o deslocamento como um recurso flexível que as pessoas acionam, ressaltando a criatividade e capacidade humana de adaptação ao usar a migração como uma forma de recriar o cotidiano, ainda que em outro local. Essa perspectiva traz implicações metodológicas e epistemológicas. Primeiramente, ao salientar a dimensão ativa, a capacidade de fazer escolhas apesar dos constrangimentos materiais e políticos, nos faz compreender o deslocamento para além da ideia de fracasso, violação, vulnerabilidade ou desintegração. Isso significa, nas palavras do autor, que “os refugiados, no fundo, são pessoas normais que vivem uma circunstância específica. Essa circunstância não lhes retira a dignidade nem os coloca numa situação de anomalia”⁵⁹. Além disso, sublinha a migração como fenômeno humano, no qual os seus protagonistas, os migrantes, não respondem apenas passivamente, mas também têm as suas visões e refletem sobre a migração, o que nos incentiva a valorizar em nossas análises o que eles pensam e o que fazem nesse processo social que é a migração. Nesse sentido, os estudos etnográficos podem ser uma importante estratégia para o núcleo duro de pesquisas do CSEM, uma vez que privilegiam as vozes e visões de mundo das pessoas envolvidas no processo migratório a partir de suas especificidades de gênero, classe, etc⁶⁰.

O último aspecto a destacar como um desdobramento do uso do conceito de agência/*agency* nos estudos migratórios diz respeito à perspectiva das estratégias/táticas migratórias. O conceito de estratégia estabelece que o comportamento dos indivíduos e dos grupos não está totalmente determinado pelas estruturas, o que supõe a existência de uma *margem* de ação frente às condições adversas e as vincula com os processos de ordem econômica, demográfica, política e social, os quais determinam as estruturas de opções dos indivíduos⁶¹.

As estratégias migratórias projetam as opções iniciais da emigração (decisão, formas de saída e de trânsito) e as opções finais de imigração (status migratório, tempo de permanência, etc.), ainda que possam ir se modificando ao longo do processo, a partir das facilidades ou limitações em seu contexto. Além disso, as redes de relações sociais entre amigos, parentes e conhecidos, configuradas a partir de relações de confiança, reciprocidade e solidariedade, também exercem uma grande influência sobre a configuração dessas estratégias⁶².

Para além disso, pode se referir àquelas ações ou decisões que os migrantes usam para fugir dos obstáculos e perigos em seus trajetos migratórios. Segundo Gustavo

⁵⁸ INGLÊS, Paulo. Globalização, mobilidade humana e criatividade: desafiando categorias a partir de três casos de migração forçada em Angola. 2015; p. 183.

⁵⁹ *Ibidem*.

⁶⁰ PISCITELLI, Adriana. Trabalho sexual (verbete). In: CAVALCANTI, L. Et al. (orgs.) Dicionário crítico de migrações internacionais. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

⁶¹ Prieto, Mary Carmen Villasmil. Apuntes Teóricos Para La Discusión Sobre El Concepto De Estrategias En El Marco De Los Estudios De Población.

⁶² GARBEY BUREY, Rosa María. Estrategias migratorias en el tránsito de emigrantes haitianos hacia Estados Unidos.

Dias, a mobilidade migratória pode ser retratada como um movimento transgressivo, pois o tempo de estadia, as condições econômicas dos migrantes e suas motivações para entrar no território são questões que criam incertezas e inseguranças territoriais, justificando o incremento de mecanismos de controle, exigindo do migrante um constante processo de negociação com controles de fronteiras ao longo de toda a sua trajetória. Nesse sentido, a mobilidade seria, portanto, “uma microrresistência criativa que permite ao sujeito habitual fugir da disciplina racional e das proibições que imperam sobre o espaço social”.⁶³ Com o objetivo de evitar uma viagem sob constante vigilância, migrantes procuram produzir rotas menos conhecidas e, supostamente, menos controladas por autoridades fronteiriças. Sendo assim, a mobilidade migratória não é uma rota retilínea da sociedade emigratória para a imigratória, mas um movimento através de espaços aparentemente desconectados, que pode demandar pausas, exigir percursos mais longos e uma constante reflexão sobre a rota a qual se percorre, sempre com o notado interesse de superar os controles de fronteira e buscar possíveis porosidades fronteiriças.

Em suma, tudo isso responde ao conceito de táticas de mobilidade fronteiriça, uma forma de reutilizar o espaço monitorado por controles migratórios, que não permitem uma mobilidade exposta daqueles que são considerados viajantes indesejados – os migrantes. Ao passo que os governos celebram um mundo de fluxos e alta circulação de informações, mercadorias e pessoas, mas, contraditoriamente, reforçam, de maneira crescente, suas fronteiras territoriais, migrantes buscam reinventar formas de superar esse controle fronteiriço por meio de táticas de mobilidade, que envolvem pessoas com conhecimento sobre a geografia local e, logo, especializadas em rotas migratórias. Esse áspero diálogo não apenas define as linhas de tensão que marcam zonas de fronteiras, como também nos oferece a possibilidade de compreender migração como uma mobilidade tática capaz de superar a vigilância produzida em tais espaços. Em outras palavras, as táticas de mobilidade fronteiriça nos permitem ver como a mobilidade é praticada e experimentada por migrantes, na condição de indivíduos imbuídos de poder decisório⁶⁴.

⁶³ DIAS, Gustavo. Táticas de mobilidade fronteiriça (verbete). In: p. 667). In: CAVALCANTI, L. Et al. (orgs.) Dicionário crítico de migrações internacionais. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017;

⁶⁴ *Ibidem*.

AUTONOMIA⁶⁵

Em termos etimológicos, o conceito *autonomia* “tem origem na expressão grega *autos*, que significa ‘mesmo’, e *nomos*, que se traduz por ‘lei’, ‘regra’, ‘governo’, indicando, portanto, a noção de ‘autogoverno’. O princípio de autonomia é, portanto, a capacidade de decidir e agir tendo em vista o que é melhor para si”.⁶⁶

Segundo Albuquerque e Garrafa, que tratam do conceito na ótica da deontologia biomédica, o respeito da autonomia do paciente depende de duas condições: “a ausência de influências controladoras e de forças coercitivas” e “o entendimento da situação” (*ibidem*). Em outros termos, a pessoa para agir autonomamente, para se autodeterminar, autogovernar, deve poder tomar suas decisões com “relativa” liberdade, sem pressões externas, e, ao mesmo tempo, deve ter os conhecimentos suficientes para compreender a situação em que vive e fazer suas escolhas.

Estes primeiros elementos apontam para alguns aspectos importantes. Em primeiro lugar o conceito “autonomia” pressupõe uma concepção do ser humano enquanto ser *em construção* e, ao mesmo tempo, como um ser *não determinado* por forças ou contextos externos, imanentes ou transcendentos. Dito de outra forma, ninguém nasce como sujeito autônomo. Pelo contrário, desde o nascimento dependemos e somos condicionados por inúmeros fatores genéticos, sociais e culturais. Por outro lado, o ser humano pode gradativamente buscar a autonomia que se apresenta, portanto, como uma *tarefa* em contraposição à real e concreta heteronomia.

Em segundo lugar a “plena” autonomia deve ser considerada um horizonte utópico. De fato, se a autonomia pressupõe conhecimento da situação e ausência de coerções fica evidente a impossibilidade histórica de alcançá-la plenamente. O conhecimento da realidade é sempre limitado e culturalmente condicionado. De forma análoga, todo ser humano é sempre “sujeito a” ou “pressionado por” fatores genéticos e biográficos – contexto sociocultural, classe social, gênero, educação, desenvolvimento psicológico, experiências concretas, entre outros.

Ainda assim, de forma geral, podemos inferir que a noção de autonomia aponta para um caminho de autorrealização pessoal e social que implica uma redução das pressões externas e, por outro lado, uma inteligência mais abrangente, articulada e pormenorizada da realidade. Em sentido contrário, a redução da autonomia da pessoa passa pelo aumento das formas externas de coerção – de tipo físico, material, psicológico, moral ou social – bem como pela mistificação ou encobrimento da realidade.

Estas reflexões têm implicações diretas nas questões migratórias. Em *termos sócio-pastorais* lutar pela autonomia dos migrantes significa reduzir as pressões ou condicionamentos externos e promover um amplo conhecimento da realidade – conscientização – gerando competências para um correto discernimento. Trata-se de um percurso de superação do *paternalismo* que, ao contrário, pressupõe que o agente sócio-pastoral possa escolher “no lugar” ou “em nome” do migrante, considerado inapto a esta tarefa.

Por outro lado, *em termos acadêmicos*, se o conhecimento da realidade é um pressuposto da autonomia, qualquer tipo de pesquisa, análise, comunicação ou informação que manipula e mistifica a realidade tende a reduzir a autonomia dos utentes (migrantes) e vive-versa. Uma produção acadêmica que visa promover dinâmicas de autonomia deve esclarecer o fenômeno migratório, em todas as suas vertentes, inclusive quando esses “esclarecimentos” podem resultar contrários à causa migratória.

⁶⁵ Roberto Marinucci.

⁶⁶ ALBUQUERQUE, GARRAFA, 2016, p. 453.

Estas reflexões teóricas se tornam mais complexas e desafiadoras quando se inserem em histórias e biografias concretas. Na definição supracita de Albuquerque e Garrafa afirma-se que alcançar a autonomia significa agir “tendo em vista o que é melhor para si”. O que é “o melhor para si”? A autonomia pressupõe necessariamente o bem do indivíduo em questão ou também de outra pessoa ou de uma coletividade? Além disso, o que determina a qualidade do consentimento? Quando o consentimento é “suficientemente” livre de pressões externas e é tomado a partir de um “adequado” conhecimento da realidade? Finalmente: que tipo de “conhecimento” garante a autonomia do sujeito? O que significa ter um “entendimento da situação”?

Essas interrogações geralmente ocorrem quando um agente sócio-pastoral considera “estranha”, “irracional” ou “prejudicial” a escolha do indivíduo migrante. Nestes casos, geralmente, apontam-se falhas no discernimento – falta de conhecimento –, pressões externas, ausência de alternativas ou, até, falta de consciência sobre o que é “melhor para si”. Um exemplo paradigmático é o caso da prostituição: para alguns estudiosos nenhuma pessoa aceitaria trabalhar na indústria do sexo em ausência de pressões externas ou outras formas de coerção, inclusive no sentido de ausência de alternativas viáveis. Nesse sentido o consentimento é sempre considerado “heterônomo”.

Essas reflexões visam realçar que “o melhor para si” é sempre algo cultural e socialmente condicionado. Um aspirante migrante, mesmo após um conhecimento esclarecido dos riscos de uma travessia e num contexto de ausência de formas diretas de coerção, pode optar de forma suficientemente autônoma pela migração, escolha que, neste caso, alguém poderá considerar “irresponsável” ou “errada”, mas não “heterônoma”. Enfim a autonomia, pelo que eu entendo, não implica necessariamente uma axiologia, mas o autogoverno, a autodeterminação por parte do sujeito.

No entanto, a opção pela heteronomia é sempre um tipo de aceitação passiva da lógica do opressor. Sobre esse assunto cabe citar Paulo Freire que tornou a “autonomia” um dos objetivos prioritário de seu sistema educativo. De acordo com o pedagogo, o oprimido pode interiorizar a lógica do opressor e alimentá-la, renunciando propositalmente a uma verdadeira autonomia:

Os oprimidos, que introjetam a sombra dos opressores e seguem suas pautas, temem a liberdade, na medida em que esta, implicando a expulsão desta sombra, exigiria deles que preenchessem o vazio deixado pela expulsão com outro conteúdo, o da sua autonomia. O de sua responsabilidade, sem o que não seriam livres. A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz (FREIRE, 1970, p. 18).

A opção pela autonomia é uma exigência sine qua non, um requisito prévio sem o qual se tornam irrelevantes quaisquer caminhos de conscientização ou empoderamento. Tal opção, acredito, pode ser entendida como opção pela “dúvida”, pelo questionamento, pela autocrítica, pela renúncia às “obviedades”, pela constante reformulação identitária. Buscar a autonomia significa “ousar a liberdade”. Ousar abandonar o caminho velho.

É evidente que tal opção se dá sempre de forma contextual. Como falamos anteriormente, a “plena autonomia” é um conceito utópico. Nas contingências do dia a dia, o sujeito, ainda que profundamente condicionado pelas estruturas sociais e obrigado a resignar-se diante de realidades consideradas intransponíveis, pode construir espaços específicos de autonomia, explorando as falhas dos dispositivos de docilização (cf. Foucault). Flavia Biroli (2013), abordando o tema da autonomia no contexto das teorias políticas feministas, reconhece que “é possível que algumas mulheres transcendam ou

escapem, de diferentes maneiras, aos padrões que tipicamente definiriam a feminilidade e que são condicionados pelas estruturas sociais”⁶⁷. De fato, “a opressão não define o indivíduo”⁶⁸. Esquecer isso “significaria perder de vista, analítica e politicamente, não apenas questões relativas à subjetividade ou à vivência individual das estruturas sociais, mas também fissuras e ruídos na dinâmica de reprodução da opressão e das desigualdades”.

A autonomia dos indivíduos, muitas vezes, deve ser encontrada nos interstícios das duras existências, nas “fissuras e ruídos” dos dispositivos de dominação que permitem a produção de práticas alternativas ao sistema hegemônico. Nesse sentido, repetimos, não há autonomia plena, nem pessoas meramente autônomas ou heterônomas, e sim, eu diria, pessoas que dão mais ou menos valor à busca da autonomia, sempre nos limites e constrangimentos de suas existências. Assim sendo, a promoção dos direitos dos migrantes passa necessariamente pelo desenvolvimento de práticas em que migrantes e refugiados possam reconhecer e praticar ações autônomas, ainda que elas sejam consideradas, de alguma forma, não adequadas na ótica dos agentes sócio-pastorais.

De fato, ao meu entender, se a renúncia à busca da autonomia ou à procura das falhas do sistema que permitem o surgimento de processos autônomos significa, de alguma forma, sucumbir à lógica do dominador, a opção pela autonomia não garante um padronizado conteúdo axiológico, mas apenas uma maior ampliação do leque das escolhas, das alternativas, com a correspondente ampliação dos processos autônomos de construção identitária.

Isso nos leva a uma última reflexão que diz respeito ao “conhecimento” ou “entendimento da situação”. De que forma aprendemos? Ou melhor, que tipo de conhecimento favorece processos autonomizantes? É evidente que não podemos responder esta pergunta de forma exaustiva. No entanto, é importante ressaltar, com Paulo Freire, que é essencial a superação da assim chamada “educação bancária”, ou seja, da visão do outro como uma *tabula rasa* que deve ser preenchida pelo saber do educador. Ao apagar o “saber errado” e inserir o “saber certo” haveria um empoderamento do interlocutor. Na realidade, esta abordagem, na ótica de Paulo Freire, introjeta uma negatividade no interlocutor que se autocompreende como ser incapaz de autonomia. Ao contrário, a postura correta do educador passa “pelo aumento da capacidade reflexiva e não pela condução do outro como uma coisa, inerte”. A opção pelo diálogo, pelo reconhecimento por parte do educador que é ele mesmo educando, permite que o interlocutor “passe a perceber-se, pelo reconhecimento do outro, como um sujeito. Assim como a desconfiança do educador bancário era ‘introjetada’ pelo educando, o reconhecimento também o seria”⁶⁹. Em outros termos, a autonomia é introjetada mais pelo método que pelo conteúdo.

O problema que se configura é, portanto, o das continuidades entre as experiências subjetivas, que constituem identidades que são caras aos indivíduos, e os constrangimentos a experiências e papéis diversos, que potencialmente ampliariam o leque das alternativas e tornariam mais autônomo o processo de produção das identidades.

⁶⁷ BIROLI, 2013, p. 89.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 90.

⁶⁹ Paulo Freire, 1970, p. 29.

RESILIÊNCIA⁷⁰

“Lo importante no es lo que hagan con nosotros, sino lo que hagamos nosotros con lo que hicieron con nosotros”. *Jean Paul Sartre*

O texto que segue apresenta, de forma sintética, as principais ideias com relação ao conceito de Resiliência — obviamente não será esgotado —, será compreendida a sua procedência mais imediata, características e distinções teóricas em um grupo de diversas correntes interpretativas. Isso enriquece o ato interpretativo realizado pela equipe do CSEM visando o contexto de pesquisa sobre migração, fronteiras.

Um primeiro movimento interpretativo é começar por entender que de forma ampla (ou cotidiana), a *resiliência* refere-se à capacidade de se sobrepor a momentos críticos e de se adaptar a uma situação logo de experimentar alguma situação não usual, incomum, inesperada. Nesse sentido, também pode significar voltar à normalidade. Logo vamos observar como essa definição *latu sensu*, que permite uma primeira compreensão, fica aquém ao momento de discutir o cerne das decisões em um processo de pesquisa.

Dentro da dinâmica das definições, podemos resgatar a origem do termo, que deriva do verbo latim *resilio*, *resiliere*, que significa “pular para trás, quicar”, tendo como sinônimos primários: fortaleza, invulnerabilidade e resistência.

Porém, além dessas definições, é necessário um ágil percurso histórico do conceito e, para isso, o esquema⁷¹ que segue permitirá localizar os caminhos iniciais;



J. Bowlby⁷², 1945, é um dos teóricos iniciais que utilizou, em sentido figurado, o termo procedente da física de diversos materiais. Com afeição na gênese da resiliência a

⁷⁰ Pedro Russi.

⁷¹ <http://previva.udea.edu.co>

⁷² John Bowlby (26.02.1907 – 2.09.1990) foi psicanalista inglês, interessado no desenvolvimento infantil, pioneiro sobre a teoria do apego.

definiu como, “impulso moral, qualidade de uma pessoa que não se desanima, que não se deixa derrubar”⁷³

Avançando nas definições, J. Anthony⁷⁴, em 1970, irá a investigar sobre as crianças de alto risco nos quais se observam resultados positivos, introduzindo o termo vulnerabilidade e, como tendência oposta, a invulnerabilidade. Invulnerável, que não é absorvido pela adversidade, é um conceito com especial ênfase no genético (DNA). No entanto, foi pensado outro conceito com menos rigidez e de sentido mais amplo —de enfrentamento a eventos estressantes e severos—, propondo inicialmente a ‘capacidade de afrontar’ e, posteriormente, definido como resiliência.

Veja-se que esse conceito começou a utilizar-se especialmente no campo da psicologia evolutiva, como intento e forma de explicar o porquê de algumas crianças, frente a uma situação (vida) de estresse, tinham a capacidade de sobrepor-se às adversidades e transformar-se em indivíduos saudáveis⁷⁵.

Teve-se conhecimento científico da resiliência a fines dos anos 70, com o estudo longitudinal realizado por Emily Werner⁷⁶ e um grupo de teóricos na ilha de Kauai Hawaii. Werner acompanhou durante 32 anos a 698 crianças expostas a um risco alto de transtorno de conduta. De 201 crianças, examinados na idade de dois anos, 72 evoluíram favoravelmente sem intervenção terapêutica, cresceram como jovens-adultos bem integrados. Segundo Werner, eles conseguiram/souberam ‘sobrepor-se’ (resiliência) a partir de um contexto de infância difícil⁷⁷.

Mas, será Stefan Vanistendael⁷⁸, quem com base em E. Werner, vai conceituar resiliência como: “a capacidade de uma pessoa ou grupo, de um sistema social para viver bem e desenvolver-se positivamente apesar das condições de vida difíceis e isto de maneira socialmente aceitável”, “nunca é absoluta, sempre é variável”; “a resiliência não se constrói a qualquer preço, sempre tem uma dimensão ética”⁷⁹.

Nesse sentido, da mesma autora, “não haveria uma definição universalmente reconhecida da resiliência humana”, “efetivamente, a resiliência esteve muito na moda em um certo momento. Isto tem levado, por desgraça, a uma compreensão as vezes muito superficial da resiliência, e como se fosse uma solução miraculosa”⁸⁰. Observe-se que a resiliência nunca é absoluta nem pode ser substituída pelas políticas sociais, mas sim de inspirar políticas sociais.

A resiliência, como definição, também tem as suas raízes nas realidades educativas, terapêuticas e sociais. Nessa linha interpretativa, vejam-se algumas

⁷³ Manxiaux, Michel, Vanistendael, Leconte, Cyrulnik, 2005

⁷⁴ Elwyn James Anthony (21/01/1916 – 10/12/2014) Psiquiatra - Psicanalista britânico e era mais conhecida por seu trabalho sobre resiliência e invulnerabilidade / risco em crianças, particularmente aquelas cujos pais tinham doenças mentais graves.

⁷⁵ Menvielle, 1994.

⁷⁶ Emmy Elizabeth Werner (26/05/1929 em Alemanha) – imigrou para os EUA em 1952; naturalizou-se em 1962; Na atualidade, é professora emérita na Universidade da Califórnia (UCDavis), no Departamento de Desenvolvimento Humano e Comunidade. É membro da APA (Associação Psicológica Estadunidense), da SRCD (Sociedade para a investigação e desenvolvimento infantil), do IIE (instituto de educação internacional), se Psi Chi (sociedade de honor internacional em psicologia), e do PLT (Pi Lambda Theta)

⁷⁷ Puerta, 2002.

⁷⁸ Stefan Vanistendael (Utrecht [centro dos Países Baixos - Holanda], 1951) sociólogo e demógrafo pela Universidade de Lovaina, Bélgica. Secretário do BICE (Bureau International Catholique de l'Enfance), ONG criada em 1948.

⁷⁹ http://www.ub.edu/web/ub/es/menu_eines/noticies/2011/Entrevistes/stefan_vanistendael.html

⁸⁰ <http://www.raco.cat/index.php/EducacioSocial/article/viewFile/180644/369540>

definições de diversos autores⁸¹: Como “a habilidade para surgir da diversidade, adaptar-se, recuperar-se e aceder a uma vida significativa e produtiva”⁸². Como “a capacidade humana universal para enfrentar as diversidades da vida, superá-las e inclusive ser transformado positivamente por elas”⁸³. Também, como sendo “o desenvolvimento de competências além das adversidades”⁸⁴.

Um caminho, neste texto, poderia ser entrar a detalhar os diferentes usos e origens do termo resiliência, o que não seria ruim, mas tiraria do interesse particular na especificidade do núcleo duro de pesquisa do CSEM. Na linha desse raciocínio vamos explicitar algumas centralidades com relação à resiliência⁸⁵, na dinâmica e interação de operadores individuais e coletivos. Pode-se estabelecer uma questão, onde pode centrar-se a resiliência? Segundo Puertas (2012), minimamente em três esferas, (i) indivíduo; (ii) processo, (iii) resultado. Ampliando cada uma delas mais um pouco:

- (i) No indivíduo, temos os conceitos de capacidade, qualidade, mentalidades, característica universal
- (ii) Quando observamos o processo, entendem-se conceitualizações centradas na ênfase da interação que existe entre as capacidades individuais, pessoais e no meio ambiente, i. e., a ecologia social-simbólica
- (iii) No resultado, observando definições centradas na superação das adversidades.

Considero interessante como forma de síntese, lançar mão de algumas reflexões (citações) do neurologista e psiquiatra Boris Cyrulnik⁸⁶, presentes nos seus livros *Los patitos feos* (2001) e *Almas Heridas* (20015)⁸⁷, porque nessas citações estão vivamente colocadas algumas das ideias centrais antes mencionadas. Ideias que permitem compreender a linha de ação, a partir do núcleo duro de pesquisa do CSEM, nas atuais e futuras ações do CSEM.

um golpe faz dano, mas é a representação do golpe o que causa o trauma”, parafraseando, o ser humano não somente sente dor, senão que o sofre, quer dizer, o percebe, o interpreta e é nesse processo onde a representação artística, e especificamente poética, pode cumprir uma função fundamental de redenção e restauração, pois ao transformar a desgraça em relato, canto ou tela pintada, a pessoa logra se distanciar dela fazendo-a suportável, logrando, ou logra que “a memória da desgraça se metamorfoseie em riso ou em obra de arte”. Dessa forma, na elaboração artística o sofrimento do indivíduo se apropria das suas emoções, i. e., apresenta-se um outro concreto⁸⁸. (2001)

quando uma criança seja expulsada do seu lar como consequência de um transtorno familiar, quando se lhe coloque em uma instituição totalitária, quando a violência do estado se estenda por todo o planeta, quando os

⁸¹ Victoria MUÑOZ GARRIDO. *Educar para la resiliencia. Un cambio de mirada en la prevención de situaciones de riesgo social*. Revista Complutense de Educación - Vol. 16 Núm. 1 (2005) 107-124

⁸² BICE, 1994.

⁸³ Grotberg, 1995

⁸⁴ Egeland, Carlson, Sroufe, 1993.

⁸⁵ <https://www.gestiopolis.com/resiliencia-adaptacion-los-cambios-las-personas-las-organizaciones/>; com base no que Eneida Puerta denomina como “Caminos para la Resiliencia” (2012).

⁸⁶ Boris Cyrulnik (Burdeos, 26.jul.1937), Renomado neurologista e psiquiatra especialista em resiliência a partir da sua própria biografia, passou parte da sua infância em um campo de concentração, no qual perdeu a sua família judaica emigrada da Ucrânia. O restante da sua infância passou com famílias de acolhida. Começou a escola com 11 anos e converteu-se em um dos principais fundadores da etologia humana e um dos principais teóricos e divulgadores da resiliência, que tem revolucionado o campo da psicologia contemporânea.

⁸⁷ Tradução Minha

⁸⁸ B. CYRULNIK - *Los patitos feos* (2001)

encarregados de assistir-lhe o maltratem, quando cada sofrimento proceda de outro sofrimento, como uma catarata, será conveniente atuar sobre todas e cada uma dessas fases da catástrofe: haverá um momento político para lutar contra esses crimes, um momento filosófico para criticar as teorias que preparam esses crimes, um momento técnico para reparar as feridas e um momento resiliente para retornar ao curso da existência⁸⁹

a inflamação semântica fez com que se fale que resiliência significa que um pode se curar de tudo. Eu nunca utilizo o termo curar-se. Além, um não pode se curar de tudo. Mas, se não faz nada, um não se cura de nada. Se faz alguma coisa, às vezes melhora um pouco, ainda que não sempre⁹⁰.

⁸⁹ B. CYRULNIK - *Almas heridas* (Gedisa, 2015)

⁹⁰ B. CYRULNIK - *Almas heridas* (Gedisa, 2015)

Referências

- ALBUQUERQUE, Raylla, GARRAFA, Volnei. Autonomia e indivíduos sem a capacidade para consentir: o caso dos menores de idade *Rev. bioét.*, v. 24, n. 3, 2016, p. 452-458.
- ANJOS, Márcio Fabri dos. Sujeitos da missão, ou sujeitos na missão? Conceitos que fazem diferença. São Paulo: Espaços, v. 21/2, p. 195-208, 2013.
- BAKEWELL, Oliver. Some reflections on structure and *agency* in migration theory. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, v. 36, n. 10, p. 1689-1708, 2010.
- BARRANTES ESTRADA, Tania. “Protagonismo de las Mujeres Migrantes Nicaragüenses en Costa Rica”, 2011.
- BIROLI, Flávia. Autonomia, opressão e identidades: a ressignificação da experiência na teoria política feminista. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, janeiro-abril 2013, p. 81-105.
- BOUFFARTIQUE, Jean e DELRIEU, Anne-Marie. *Tresorts des racines grecques*. Paris: Belin, 2002.
- BRIGNOL, Liliane Dutra. “Protagonismo Migrante na Web: Uma observação exploratória em torno do conceito de web-diaspóricas”. Trabalho apresentado no GT Ciberultura do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, 2011.
- BRINGEL, Breno. Ativismo transnacional, o estudo dos movimentos sociais e as novas geografias pós-coloniais. *Estudos de Sociologia, Rev. do Progr. de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE*, v. 16, n. 2, p. 185 - 215, 2010.
- DE HAAS, Hein. *Mobility and Human Development*. UNDP, 2009.
- DIAS, Gustavo. Táticas de mobilidade fronteiriça. In: CAVALCANTI, L. Et al. (orgs.) *Dicionário crítico de migrações internacionais*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017; p. 665-670.
- DUBAR, Claude. Agente, ator, sujeito, autor: do semelhante ao mesmo. Artigo apresentado no Primeiro Congresso da Associação Francesa de Sociologia, em fevereiro de 2004. Disponível em: <http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/dubarclaude-agenteatorsujeitoautor-atoragenteautordosemelhanteaomesmo2004.pdf>
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- FURLIN, Neiva. É possível uma sociologia do sujeito? Uma abordagem sobre as teorias de Foucault e Touraine. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 14, no 29, jan./abr. 2012, p. 274-311. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222012000100011
- FURRI, Filippo. “Can migrants act?”. *Presenza, organizzazione, visibilità in un orizzonte precario. REMHU – Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.*, vol. 24, n. 47, p. 11-26, 2016.
- GADEA C. A. e SCHERER-WARREN, I., A contribuição de Alain Touraine para o debate sobre sujeito e democracia latino-americanos. *Revista de Sociologia Política*, (2005), 25, p. 39-45, aqui p.41. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n25/31110.pdf> *apud* DOS ANJOS, Fabri Márcio. *Sujeitos da missão, ou sujeitos na missão? Conceitos que fazem diferença*.
- GARBEY BUREY, Rosa María. Estrategias migratorias en el tránsito de emigrantes haitianos hacia Estados Unidos. *Huellas de la Migración*, [S.l.], v. 2, n. 4, p. 93-123, ene. 2018. Disponible en: <<https://huellasdelamigracion.uaemex.mx/article/view/4604>>. Fecha de acceso: 03 abr. 2018.

GAULEJAC, Vincent de. O âmago da discussão: da sociologia do indivíduo à sociologia do sujeito. Cronos, Natal-RN, v. 5/6, n. 1/2, p. 59-77, jan./dez. 2004/2005. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/download/3233/2623>

INGLÊS. Paulo. Globalização, mobilidade humana e criatividade: desafiando categorias a partir de três casos de migração forçada em Angola. In: VASCONCELOS, Ana Maria Nogales; BOTEGA, Tuíla (orgs.) Política migratória e o paradoxo da globalização. Porto Alegre: EDIPUCRS; Brasília: CSEM, 2015. p. 169-188. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Pdf/978-85-397-0739-3.pdf>

LACOMBA, Joan; BONI, Alejandra. Desenvolvimento. In: CAVALCANTI, L. Et al. (orgs.) Dicionário crítico de migrações internacionais. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017; p. 193-198.

LUSSI, Carmem. Protagonismo. In Leonardo Cavalcanti, Tânia Tonhati e Tuíla Botega (orgs.) *Dicionário sobre migrações Internacionais*.

M. FOUCAULT, El sujeto y el poder. In: DREYFUS, H. – RABINOW, P. (Eds.), Más allá del estructuralismo y la hermenéutica. México: UNAM, 1988; C. S. DONDA, Lecciones sobre Michel Foucault. Saber, sujeto, institución y poder político. Córdoba: Universitat, 2008, p.19. apud DOS ANJOS, Fabri Márcio. Sujeitos da missão, ou sujeitos na missão? Conceitos que fazem diferença

MARANDOLA, Eduardo. DAL GALLO, Priscila Marchiori. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. R. bras. Est. Pop., Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 407-424, jul./dez. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982010000200010

O protagonismo dos Migrantes. REMHU – Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., vol. 24, n. 47, 2016.

PEDREÑO, Andrés. Agência (capacidade de). In: CAVALCANTI, L. Et al. (orgs.) Dicionário crítico de migrações internacionais. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017; p. 58-63.

PETERS, Gabriel. Agência, estrutura e práxis: uma leitura dialógica da teoria da estruturação de Anthony Giddens. Revista Teoria & Sociedade, v. 1, n. 1, p. 8-39; 2011.

PISCITELI, Adriana. Trabalho sexual. In: CAVALCANTI, L. Et al. (orgs.) Dicionário crítico de migrações internacionais. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017; p. 697-702.

PORTES, Alejandro & DEWIND, Josh (ed). *Rethinking migration. New theoretical and empirical perspectives*. New York: Berghahn Books, 2008.

PORTES, Alejandro. “Convergencias teóricas e evidencias empíricas en el estudio del transnacionalismo de los inmigrantes”. *Migración y desarrollo*, 2005, pp. 2-19.

PRIETO, Mary Carmen Villasmil. “Apuntes Teóricos Para La Discusión Sobre El Concepto De Estrategias En El Marco De Los Estudios De Población.” *Estudios Sociológicos*, vol. 16, no. 46, 1998, pp. 69–88. JSTOR, www.jstor.org/stable/40420501.

TOURAINÉ, A. Crítica da Modernidade. Petrópolis: Vozes 1995; A. TOURAINÉ, Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes. Petrópolis: Vozes 1997 apud DOS ANJOS, Fabri Márcio. Sujeitos da missão, ou sujeitos na missão? Conceitos que fazem diferença

ANEXO I - Histórico de atividades do CSEM 2008-2018

Eventos organizados pelo CSEM e/ou organizados em parceria

2008	Seminário internacional <i>Migrações internacionais e direitos humanos</i>
	Seminário com resultados da pesquisa sobre tráfico de pessoas nos documentos da Polícia Federal
2010	Seminário <i>Migração latino-americana no Brasil: o caso dos bolivianos em São Paulo</i>
	Seminário sobre livre circulação de trabalhadores do Mercosul
2011	Seminário <i>Grandes Projetos e Migrações</i>
	Curso de extensão <i>Migrações Contemporâneas – desafios e implicações sociais</i>
2012	Seminário <i>Mudanças ambientais e migrações</i>
	Seminário <i>Tráfico de Pessoas e os Desafios dos Grandes Eventos</i>
	Seminário <i>Migrações Internacionais e Direitos Humanos</i>
	Oficina: <i>Rio+20: Mudanças Ambientais e Migrações</i>
2013	Seminário <i>A criminalização das migrações e a proposta para o novo Código Penal brasileiro</i>
	Lançamento o livro <i>Migração internacional e trabalho doméstico. Mulheres peruanas em Brasília</i>
	II Curso de extensão <i>Vidas em trânsito: conhecer e refletir na perspectiva da mobilidade humana</i> (2 seminários e 4 aulas)
2014	Seminário internacional <i>Política migratória e o paradoxo da globalização</i>
	Lançamento do livro <i>Vidas em trânsito: conhecer e refletir na perspectiva da mobilidade humana</i>
	Curso de Extensão (interno) <i>Abordagem Quantitativa nos estudos das Migrações humanas</i>
	I COMIGRAR - Conferência Nacional sobre Migrações e Refúgio (Conferência do Distrito Federal, Conferência Livre no CSEM, participação na etapa nacional)
2015	Minicurso <i>Migrações internacionais no século XXI: especificidades e semelhanças</i>
	Lançamento do livro <i>Política migratória e o paradoxo da globalização</i>
2016	Seminário Internacional <i>Mobilidade humana hoje: abordagens de direitos humanos</i>
	Seminário <i>Migrações em Londrina e região: desafios e oportunidades</i>
	Oficina Fórum Social Mundial das Migrações: <i>Mulher migrante agente de resistência e transformação</i>
2017	Realização de 05 seminários na Itália no âmbito da pesquisa <i>Mobilidade humana no contexto eclesial italiano: desafios e oportunidades (Mobilità umana nel contesto ecclesiale italiano: sfide e opportunità)</i>
	Minicurso <i>Migrações Internacionais, direitos humanos e protagonismo dos migrantes</i> . IX Semana Nacional de História do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande - campus Cajazeiras. Este minicurso foi organizado pro vc, os demais do ano foram organizados por outros e nós só fomos apresentar algo.
2018	Seminário Internacional: O rosto da mulher na migração atual – <i>em parceria com a Cáritas Brasileira e a Caritas Internationalis (Salvador – BA)</i>

	Seminário Internacional Caminhos para a cultura do encontro – Brasília, em parceria com a Caritas Brasileira, o Serviço Pastoral do Migrante, as Pastorais da Mobilidade Humana da CNBB, o IMDH, a Missão Paz e o Centro Zamni
	Conferência Reconstruindo vidas nas fronteiras. Desafios do atendimento junto a migrantes e refugiados. Johannesburg.

Pesquisas/Estudos⁹¹

Ano	Nome do estudo	Objetivo
2007	Mudanças no percurso migratório de migrantes urbanos CSEM e parcerias Triênio 2007-2009	O principal objetivo deste trabalho é prover um banco de dados com informações sobre o percurso migratório que permitam os estudiosos da migração conhecer os fatores que caracterizam as mudanças identitárias de migrantes urbanos no que diz respeito a família e projeto migratório, valores, religião e fé, redes e relações sociais, trabalho e remessas, levando em conta as causas, as modalidades, as etapas, as consequências e a auto compreensão que os próprios migrantes desenvolvem dessas mudanças.
	Pesquisa: O protagonismo de brasileiros e brasileiras no exterior e seu papel na defesa e promoção dos direitos humanos.	Associações de migrantes, comunidades MSCS, lideranças acadêmicas e associativas, Subsecretaria Especial para os Brasileiros no Exterior, Consulados, agentes de Pastoral social; Departamento da assistência Consular do Ministério das Relações Exteriores.
2008	Pesquisa <i>Cidadãos brasileiros deportados e não admitidos (2003-2007)</i>	Envolveu a análise crítica de fichas da Polícia Federal preenchidas por deportados e inadmitidos. A pesquisa envolveu a tabulação dos questionários, elaboração de banco de dados, análise dos dados e relatório de pesquisa, sendo finalizada com a publicação do livro <i>“Trajetórias interrompidas: cidadãos brasileiros deportados e não admitidos”</i> .
	Pesquisa sobre o perfil dos brasileiros na Espanha	Em parceria com a associação Coletivo Brasil-Catanulya.
2010	Mulheres migrantes agentes de resistência e transformação – CSEM – 2010 – 2014	Identificar as dificuldades enfrentadas por mulheres migrantes ao se estabelecerem em outros países. Além disso, busca-se compreender as estratégias por elas desenvolvidas para a superação das diversas situações de dificuldade que encontram na vivência em outro país.
	Obstáculos à livre circulação de trabalhadores no MERCOSUL” CNIg	Identificar e compreender as dificuldades que os migrantes oriundos dos países que compõem o MERCOSUL, da Bolívia e do Chile encontram em se trabalhar e viver no Brasil.
2011	Pastoral migratória no Brasil a partir do testemunho de Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, Scalabrinianas – CSEM – 2011-2012	A pesquisa visa fazer memória da caminhada histórica da Pastoral Migratória no Brasil a partir do testemunho de Irmãs Scalabrinianas envolvidas com a assistência sócio-pastoral de migrantes e refugiados, evidenciando os modelos de pastoral que fizeram parte de seu dia a dia e apontando perspectivas para o presente e futuro da pastoral do migrante.

⁹¹ A primeira versão deste quadro sinóptico foi elaborada por Elizabeth Ruano (2015).

2011	Migrações na região da serra e encosta superior do nordeste do RS – Brasil: migrantes internos em Bento Gonçalves, Guaporé, Anta Gorda e Roca Salles – Província Cristo Rei – 2011	Realizar uma pesquisa de campo com migrantes nas áreas delimitadas, para identificar, através da análise do questionário, ações possíveis e em acordo com as Diretrizes Congregacionais sobre o Apostolado.
2012	Proposta: Estudo sobre fatores positivos e obstáculos para um retorno e uma reintegração sustentável OIM Não realizado	Avaliar o impacto do apoio à reintegração de beneficiários brasileiros, oriundos dos estados de GO, SP e MG, concedido pela Organização Internacional para as Migrações (OIM) em Portugal/Lisboa, no âmbito do seu Programa de Apoio ao Retorno Voluntário e à Reintegração (PRV).
2014	Levantamento de dados sobre migrantes internacionais em Samambaia Comissão Justiça e Paz não teve continuidade	Delimitar um perfil dos migrantes internacionais em Samambaia, a partir da recolha de dados sócio-demográficos para subsidiar a atuação da Paróquia local com os migrantes.
2014 - 2016	Migrações internacionais na AMB CSEM, UnB, OBMigra	Compreender o fenômeno da migração internacional latino-americana na Área Metropolitana de Brasília (AMB) no período de 2000-2010.
2015 - atual	Ordering the pathway: crossing the borders and settling within Southern Africa (RDC-Angola, Mozambique-South-Africa)	objetivo de compreender e mapear as estratégias de sobrevivência que refugiados e retornados utilizam a fim de responder aos desafios do cotidiano. A abordagem visa valorizar o/a migrante enquanto sujeito e protagonista da própria história, mesmo em situações dramáticas e traumáticas.
2015	A mobilidade humana nos países com presença de irmãs missionárias de São Carlos Borromeo – scalabrinianas	Reunir e sintetizar os principais dados estatísticos das Organizações Internacionais sobre o cenário internacional atual da mobilidade humana, especialmente nos países em que atuam as Irmãs MSCS.
2016 - 2017	Pesquisa Mobilidade humana no contexto eclesial italiano: desafios e oportunidades (Mobilità umana nel contesto ecclesiale italiano: sfide e opportunità)	Analisar o impacto do fenômeno migratório na Igreja Italiana.

2017	Pesquisa junto às comunidades católicas brasileiras na Itália sobre a igreja de origem	Elaborar uma publicação para divulgar nas comunidades territoriais italianas a fim de fazer conhecer um pouco mais sobre a igreja de origem dos imigrantes
2017 - 2019	Reconstruyendo la vida en la frontera asistencia y atención a migrantes en la Frontera Norte de México	Analisar e sistematizar a assistência das Irmãs MSCS a migrantes e refugiados no Instituto Madre Assunta, na Fronteira Norte entre México e Estados Unidos
2016-2018	Estudo sobre a atuação das irmãs mscs nas Conferências Episcopais	Sistematizar a atuação das irmãs mscs nas Conferências Episcopais
2016-2018	Estudo sobre a atuação missionária na República Democrática do Congo – RDC	Sistematizar a atuação missionária na República Democrática do Congo – RDC
2018	Consulta sobre Pastoral do Migrante no contexto brasileiro	Pesquisar na realidade brasileira experiências, metodologia e recomendações sobre a pastoral do migrante a partir da atuação concreta da igreja local.

Publicações

Seguindo a missão própria, o CSEM prioriza em seus estudos e publicações a circulação de saberes e estudos que favoreçam a defesa e promoção dos direitos humanos das pessoas e dos povos em mobilidade. Além dos livros, o CSEM publica a revista REMHU, um periódico científico dedicado aos estudos migratórios.

Atualmente são três coleções de livros: 1) Série Caminhos, voltada mais especificamente para trabalhos da área de teologia (exceto o relatório de pesquisa sobre mulher migrante, que, no caso, foi publicado nesta coleção por ter sido um trabalho que contou com a participação de irmãs scalabrinianas na pesquisa de campo); 2) Série memórias, que se refere aos livros que contam a história da congregação das Irmãs mscs; 3) Série Migrações, que publica livros diversos sobre a temática migratória, com o intuito de um maior diálogo com a academia e sociedade.

SÉRIE MEMÓRIAS

5. Lice Maria Signor. **Irmãs Missionárias de São Carlos, scalabrinianas - 1971/2001**. Brasília: CSEM, 2015

4. Laura Bondi. **Madre Assunta Marchetti uma vida missionária**. Brasília: CSEM, 2011, 245 pp.

3. Lice Maria Signor. **Irmãs Missionárias de São Carlos, scalabrinianas – 1934-1971**. Brasília: CSEM, 2007. 272 pp.

2. Província Maria, mãe dos migrantes – Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrinianas (org.). **Profecia Itinerância Caminho. 15 anos de Serviço aos Migrantes**. Brasília: CSEM, 2006, 152 pp.

1. Lice Maria Signor. **Irmãs Missionárias de São Carlos, scalabrinianas – 1895-1934**. Brasília: CSEM, 2005. 304 pp.

SÉRIE CAMINHOS

7. Carmem Lussi e Roberto Marinucci (orgs). **Migrações, refúgio e comunidade cristã**. Reflexões pastorais para a formação de agentes. Brasília: CSEM e São Paulo: Paulus, 2018.

6. Carmem Lussi. **Migrações e alteridade na comunidade cristã: Ensaio de teologia da mobilidade humana**. Brasília: CSEM, 2015

5. CSEM (org.). **Mulher migrante: Agente de resistência e transformação**. Brasília, 2014, 112 pp. (e-book).

4. Analita Candaten; Marissônia Daltoé. **Identidade da irmã scalabriniana. Aprofundar para testemunhar**. Brasília, 2013, 105 pp. (e-book).

3.1. CSEM (org.). **Uma resposta ao carisma com dinamismo e profecia: IV Seminário Congregacional de Pastoral das Migrantes**. Brasília: CSEM, 2012, 316 pp.

3. Irmãs Missionárias Scalabrinianas, Província Imaculada Conceição (org.). **Nas sendas do humano**. Brasília: CSEM, 2006, 80 pp.

2. CSEM (org.). **Expressão de um Carisma a serviço dos Migrantes: III Seminário Congregacional da Pastoral das Migrações**. Brasília: CSEM, 2006, 430 pp.

1. CSEM (org.). **A presença das Irmãs Missionárias Scalabrinianas na saúde: I Seminário Congregacional de Saúde Scalabriniana**. Brasília: CSEM, 2005, 381 pp.

SÉRIE MIGRAÇÕES

21. Paulo Inglês. **ANGOLA É A NOSSA CASA: Reintegração de retornados angolanos no Uíge vindos da República Democrática do Congo**. CSEM: Brasília, 2017. 156 pp.

20. Carmem Lussi (org). **MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS - Abordagens de direitos humanos**. CSEM: Brasília, 2017.

19. Ana Maria Nogales Vasconcelos, Tuíla Botega (orgs.). **Política migratória e o paradoxo da globalização**. Porto Alegre: EDIPUCRS; Brasília: CSEM, 2015. Versão disponível impressa e em e-book.

18. Terezinha Santin, Tuíla Botega. **Vidas em trânsito: conhecer e refletir na perspectiva da mobilidade humana**. Porto Alegre: EDIPUCRS; Brasília: CSEM, 2014, 202 pp.

17. Delia Dutra. **Migração internacional e trabalho doméstico. Mulheres peruanas em Brasília**. Brasília: CSEM; Sorocaba, SP: OJM, 2013, 352pp.

16. Marileda Baggio. **Entre dois mundos: a igreja no pensar e no agir de Giovanni Battista Scalabrini**. Brasília, CSEM, 2011, 448pp.

15. CSEM e Redi ESI – Província Cristo Rei (orgs.). **Mobilidade Humana: Componente curricular da educação Scalabriniana**. Brasília, CSEM, 2011, 68pp.

14. Eléia Scariot. **Mídia e migração contemporânea: estudo sobre o uso dos meios de comunicação pelos migrantes**. Brasília: CSEM, 2011, 176pp.

13. Delia Dutra, Roberto Marinucci e Terezinha Santin (orgs.). **Vidas em trânsito. Mudanças no percurso migratório de migrantes urbanos**. Brasília: CSEM, 2011, 224pp.

12. Roberto Marinucci, Yara Farias e Terezinha Santin, mscs (orgs.). **Trajetórias interrompidas: cidadãos brasileiros deportados e não admitidos.** Brasília: CSEM / PBE / IMDH. Apoio: UNODC / Secretaria Nacional de Justiça / Ministério da Justiça, 2009, 170pp.
11. William César de Andrade. **Povo em itinerância. Israel nos caminhos da migração.** Brasília: CSEM / IMDH, 2007, 104pp.
10. Analita Candaten. **A espiritualidade de um povo a caminho: elementos para uma espiritualidade no contexto migratório.** Brasília: CSEM, 2007, 208pp.
9. Carmem Lussi. **A missão da Igreja no contexto da mobilidade humana.** Brasília: CSEM/Petrópolis: VOZES, 2006, 152pp.
8. Denise Cogo. **Mídia, interculturalidade e migrações contemporâneas.** Brasília: CSEM/Rio de Janeiro: E-papers, 2006, 242pp.
7. Clecir Maria Trombetta (org.). **Migração e situações de fronteira.** Brasília: CSEM, 2002, 133pp.
6. **Profetismo e identidade apostólico-missionária da Irmã Scalabriniana.** Brasília: CSEM, 2001, 360pp.
5. **Balsas: Alteridade, Desencontros e Esperança.** Brasília: CSEM, 2000, 175pp.
4. Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo - Scalabrinianas. **Migrações contemporâneas: desafio à vida, à cultura e à fé.** Brasília: Redentorista, 1999, 23pp.
3. Rosita Milesi (Org). **Convivendo com o diferente. Desmigração, Exclusão, Multiculturalismo.** Brasília: CSEM. 1999, 104 pp.
2. Rosita Milesi (Org). **Trabalhadores migrantes.** Brasília: CSEM, 1997, 40pp.
1. Rosita Milesi (Org). **Migrações à Luz da Palavra.** Brasília: CSEM, 1995, 47pp.

ANEXO II – CSEM atual: Planejamento estratégico para o Triênio 2016-2018

MISSÃO

O Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios, instituição da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas, tem por missão

Fomentar, produzir e disseminar conhecimentos científicos e interdisciplinares sobre as migrações e os deslocamentos forçados e processos afins, em uma perspectiva de respeito e promoção profética da dignidade humana, rumo a um mundo mais justo, onde ninguém é estrangeiro.

VISÃO

Ser um Centro Scalabriniano de Estudos de referência internacional sobre a temática migratória.

VALORES

Os principais valores de referência no CSEM são: acolhida, comprometimento, eficiência, esperança, integridade, interculturalidade, itinerância, profecia, responsabilidade e solidariedade.